

Tribuna da Luta Operária

Nº 23, ANO 1, DE 19/09 a 3/10 DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Crise no regime, generais perdem o sono: 'Abertura' emperrou!



Passeata em Goiânia dia 12: estudantes manifestavam-se pela democratização da Universidade

1 milhão com a UNE

A maior greve estudantil de todos os tempos. Pág. 8

Solidariedade

O DOPS do Rio de Janeiro restituiu, finalmente, os telegramas enviados à *Tribuna Operária* em solidariedade contra o atentado fascista sofrido por nossa sucursal carioca. Agradecemos o apoio manifestado pelo senador Teotônio Vilela (PMDB-AL), Unidade Sindical de Minas Gerais, Sociedade de Medicina Cirúrgica - RI, APPD-RJ, Associação

dos Empregados do SER-PRO-RJ, Câmaras Municipais de Campo Grande (MS), Londrina (PR), São Carlos (SP), deputados estaduais Luiz Benedito Máximo (líder do PMDB na Assembleia legislativa do Rio de Janeiro) e Roberto Valadão (líder do PMDB na Assembleia Legislativa do Espírito Santo).

O Conselho de Direção

A greve em Brasília

15 mil pedreiros pararam as obras por 12 dias. Pág. 8



Em Pernambuco a luta pega fogo no canavial

200 mil trabalhadores e 44 sindicatos contra usineiros. Pág. 5

Editorial

Impasse político

A instabilidade política é a característica dos últimos dias. Os terroristas, certos da impunidade, continuam agindo. Fala-se sempre mais da "Operação Cristal". O almirante Maximiano diz que sabe quem são os terroristas mas depois desmente-se. O deputado Genival Tourinho, que denunciou três generais como inspiradores dos atentados, sofre um nas barbas do governo, em Brasília, e ainda vai ser processado a mando do Ministério do Exército. E até hoje nenhum terrorista foi punido.

O senador Passarinho reconhece que o país marcha para um impasse, mas joga a culpa nos democratas que lutam por uma Assembleia Constituinte. O deputado Erasmo Dias, na mesma linha provocadora, insinua que o Partido Comunista do Brasil poderia ser o orientador dos atentados.

Mas o povo sabe que a inflação, o arrocho, a dívida externa monstruosa, a crise econômica, social e política, são consequências diretas do regime militar e sua política a serviço das multinacionais. É o fracasso do regime que leva o país rapidamente para um impasse. E são for-

ças do próprio regime que apelam para o fascismo tentando conter a luta do povo.

Não se combate o terror atacando os direitos do povo e restringindo ainda mais a liberdade, investindo contra a imprensa democrática e processando quem denuncia terroristas. A solução desses problemas só virá havendo liberdade para o povo. E esta é uma tarefa que depende da unidade e da luta da classe operária e de todas as forças populares e democráticas.

A única saída para o povo garantir o combate eficaz ao terrorismo é um amplo movimento de massas capaz de liquidar o regime militar. E mesmo a alternativa de um golpe, que sempre aparece nessas situações, só pode ser combatida com a mobilização de todos os que querem a liberdade.

A campanha pela Constituinte, ao contrário do que diz o coronel Passarinho, é hoje uma forma importante do povo exigir participação ativa na solução da crise. Pode ser decisiva na luta por um novo regime, democrático e popular, em marcha para o socialismo.

Plano da Volks é ter comissão de fábrica biônica

Multinacional manobra para enganar operários. Pág. 4

Mais força nas campanhas dos metalúrgicos

Em Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, a luta contra o novo arrocho começa a esquentar. Pág. 4.



Caminhada democrática em Maceió contra o terrorismo da extrema direita

Protestos contra o terrorismo

Maceió, AL — Tendo à frente a bandeira do Brasil e caminhando silenciosamente em marcha fúnebre, cerca de duas mil pessoas participaram de uma caminhada democrática contra o terror fascista pelas ruas de Maceió. O silêncio era interrompido apenas pelos aplausos da população que, saindo das lojas, dos bancos e dos edifícios, se incorporava à caminhada.

Salvador, BA — Num clima de



A sede da sucursal da Tribuna inaugurada em Piracicaba

Grande festa na sucursal

Piracicaba, SP — Com festa na rua, muita música sertaneja, pipoca e amendoim de graça e teatro infantil, inaugurou-se a sucursal piracicabana da Tribuna Operária. No auge da comemoração, havia mais de 700 populares presentes e até o prefeito da cidade (do PMDB) mandou uma mensagem de saudação. Muitos operários, sobretudo metalúrgicos,

Greve contra diretor

Belo Horizonte, MG — Professores e alunos da Faculdade de Engenharia da FUMEC — Fundação Mineira de Educação e Cultura — estão em greve desde o dia 1º de setembro. A principal reivindicação, tanto dos professores quanto dos alunos, é o afastamento do diretor Luis Raul Guimarães, que há oito anos "vem travando todas as iniciativas de melhoria do curso".

Os 900 alunos grevistas denunciaram a falta de equipamento na escola, o que se reflete no crescente declínio da qualidade no ensino. Uma outra reivindicação dos

professores é o reajuste de seus salários, o que não aconteceu este ano, apesar da escola ter elevado em 80% as mensalidades em relação ao primeiro semestre.

Ainda em Belo Horizonte, o

Diretório Acadêmico da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais organizou uma greve na escola por 18 dias. A greve começou no dia 26 de agosto e reivindicava o reconhecimento do DA livre, contratação de duas professoras escolhidas pelos alunos e a readmissão de duas outras professoras que haviam sido demitidas. (Da sucursal)

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança de apostilas

Secundaristas de pé

GO: Secundaristas protestam contra cobrança

GOLBERY ABRE O JOGO

A conferência secreta do General Golbery mostra o que o regime dos militares quer com a "abertura": conter as greves e lutar do povo; evitar uma explosão revolucionária nesta enorme panela de pressão que é o Brasil

A conferência do general Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra merece toda atenção dos operários conscientes e de todos os democratas. Ela foi pronunciada no dia 1º de julho, para uma seleta platéia de generais, capitalistas e tecnocratas, no mais completo segredo. Só agora a ESG resolveu divulgá-la e a revista *Veja* de 10 de setembro publicou um resumo do seu texto.

Falando para as "élites", e a portas fechadas, Golbery abriu o jogo. Expôs o conteúdo antedemocrático e contra-revolucionário da "abertura" do governo atual. E mostrou suas sérias dificuldades, que, de lá para cá, cresceram como uma bola de neve.

Retrato do fiasco do regime militar-fascista

Para o conferencista, os governantes do país sempre usaram a centralização ou a descentralização, o sufoco ou a abertura, num jogo onde o maior perigo é o povo, são as "tensões crescentes, sobretudo nas explosivas periferias dos grandes centros populosos e nas zonas do interior mais perturbadas por sucessivas calamidades climáticas".

Nesse esquema, Golbery pinta sem piedade o retrato do sufoco que se seguiu ao golpe de 1964. Diz que se formou "uma lamentável realidade", de autoritarismo, burocracia e corrupção, em marcha para "o máximo de centralização a par do máximo de inoperância".

O quadro é fiel. Mas o criador do SNI pouco se importa com o que isso custou em sofrimento para o povo. Importa-se, isso sim, com a resistência democrática ao regime, e sobretudo com a formação da frente oposicionista. Foi ela que levou à adoção da "abertura" política, sempre tuitada pelos generais, "para que não escapasse a qualquer controle".

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O desafio da luta política

O movimento operário brasileiro, depois de mais de dois anos, de greves sucessivas, começa a tomar consciência do significado, da importância, mas também dos limites da luta salarial e sindical. De outro lado, a crise do país acelerou-se. E a crise é econômica, financeira, social, mas é acima de tudo uma crise do regime militar e da tática da "abertura", uma *crise política* portanto.

Esses dois elementos jogaram para a classe operária, com força renovada, o grande desafio da luta política.

A experiência do movimento operário brasileiro e mundial mostra que a classe que sabe orientar-se melhor no terreno da política termina sempre fazendo vingar a sua saída para os períodos de crise. Quando os operários não se colocam à altura do momento, terminam sendo passados para trás por este ou aquele setor burguês. Mas quando os operários atuam segundo uma política de classe, com objetivos, adversários e aliados políticos bem definidos, é a eles que cabe a vitória. Esta é uma questão que se decide em cada batalha, em cada lance que prepara ou que compõe a crise.

Vanguarda não se nomeia

A luta política, distintamente da luta salarial, envolve todos os setores da sociedade. Muitas vezes criam-se situações complexas, cheias de nuances e em rápido movimento. A missão histórica da classe operária é atuar como força de vanguarda, dirigir esse movimento no rumo da libertação dos trabalhadores e de toda a sociedade.

Mas em política ninguém chega a ser vanguarda por decreto, nem pela intervenção da divina providência. Para efetivar seu papel de vanguarda, a classe operária precisa convencer disso os seus aliados, em primeiro lugar os mais firmes — os demais trabalhadores das cidades e do campo. Precisa também impor-se aos aliados vacilantes ou mesmo momentâneos. E o caminho para isso é a participação, de vanguarda, enquanto classe, na luta contra os inimigos comuns.

A situação criada no Brasil pelos atentados terroristas é um exemplo. Uma parte dos donos do poder resolve atuar por conta própria e recorre às bombas. O

Golbery não vacila em chamar a "abertura" de *manobra*, e diz que seu objetivo é a "pronta desarticulação do sistema oposicionista, propiciando-se o surgimento de múltiplas frentes distintas". Aí estariam, afirma ele, os motivos da reforma partidária do ano passado.

Uma enorme panela de pressão que pode explodir

A palestra foi também um episódio da luta dentro do sistema, entre o grupo Figueiredo-Golbery, que aposta na "abertura", e a ala fascista dos generais que não querem saber dela. Golbery admite que a "abertura" anda em dificuldades, mas insiste nela, e com um argumento que merece atenção.

"Em realidade — diz ele — não nos resta outra opção (o grifo é nosso). Momentos muito mais favoráveis não foram, dantes, aproveitados, por motivos que aqui não nos cabe pesquisar. Mas isso, de qualquer forma, não justificaria o retardar-se ainda mais aquele processo descentralizador, já há muito reclamado como necessário e urgente. Além do que, as pressões contrárias, hoje fortes e quase insuportáveis, voltariam a acumular-se aceleradamente, *pondo em risco a resistência de todo o sistema*, nessa enorme panela de pressão em que veio a transformar-se o organismo nacional".

Generais no meio da pinguela, com medo de cair

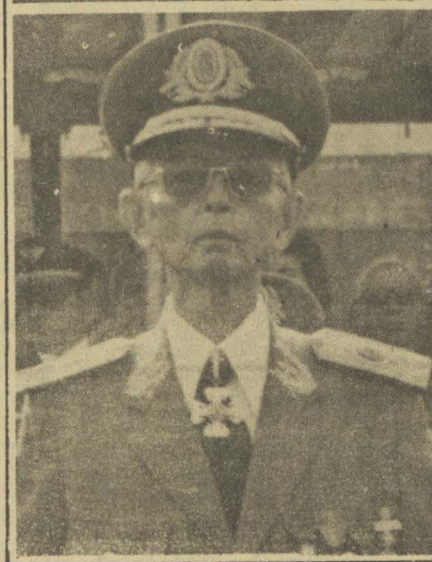
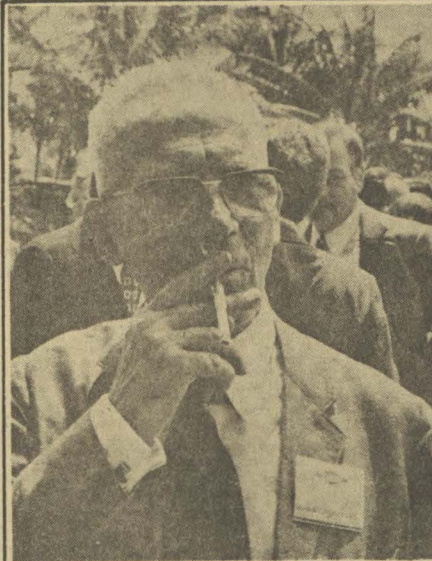
E o medo da derrubada do regime e da revolução social que dita as palavras do general. Exatamente o mesmo medo que faz outros generais, da ala dissidente, apela para as bombas terroristas e exigirem que se ponha um freio na "abertura".

O grupo de Figueiredo trata de jogar com os acontecimentos para possar de centrista e conseguir aliados. A oposição burguesa vacila, aqui mais, ali menos, diante dos acenos do governo. Já nos meios populares, é grande a disposição de enfrentar os fascistas, mas sem dar tréqua a Figueiredo. Para galvanizar este sentimento e neutralizar as vacilações dos oposicionistas menos convictos, é preciso a participação expressiva do movimento operário na luta contra o terror fascista. Não tem importância, no caso, se as bombas estão caindo diretamente sobre os operários, sobre seus aliados mais próximos ou mais distantes. Importa mais, no caso, que se trate de uma batalha política onde o proletariado pode acumular forças e reservas para a derrubada do regime.

Política proletária

Porém a participação dos operários na luta política não basta. Para que a classe operária jogue um papel de vanguarda precisa equipar-se com uma política sua, de classe, proletária. Uma política radicalmente diferente da politicagem que é a marca tradicional da vida pública na sociedade capitalista. Uma política que não só brota da revolta dos explorados mas também aponta no sentido de um mundo sem exploração, socialista. E, ao mesmo tempo, uma política que define com clareza os objetivos imediatos, os passos que conduzem neste sentido.

Uma política assim não se dirige apenas ao movimento operário, ou a ele e seus aliados mais próximos. Dirige-se a *todas* as classes e forças presentes na sociedade e trata *todas* os problemas políticos que cada momento coloca. Primeiro, porque só assim a classe operária consegue reunir atrás de si seus possíveis aliados, próximos ou distantes. E terceiro, porque só assim ela pode tirar proveito dos conflitos no campo inimigo, que urge inevitavelmente em tempos de crise. A omissão, na luta política, é sempre ruim. Leva ou bem ao isolamento ou bem ao atrelamento do movimento operário.



Os generais dos dois bandos sentem que estão numa situação delicada, "no meio de uma pinguela", para usar a expressão de um amigo deles, o vice-presidente Aureliano Chaves, e sem ter onde se agarrar. No temor de caírem, uns resolvem dar marcha-à-ré para o já falido esquema militar-fascista. Os outros, igualmente temerosos, preferem seguir adiante na pinguela da "abertura". Mas do lado de lá da pinguela também não há lugar para a democracia desejada e exigida pelo povo.

E o que fica claro quando Golbery define na prática as medidas de "abertura". Ele não fala em combate aos terroristas da ultra-direita, mas em ataques aos direitos do povo. Suas palavras mais duras são contra o movimento operário.



Amazonas na palestra de lançamento do livro de Enver Hodja

Teoria é importante

Com uma palestra do dirigente comunista João Amazonas e a presença de cerca de 300 pessoas, o Centro de Cultura Operária promoveu dia 10 de setembro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa em S. Paulo, o lançamento do livro *"O Imperialismo e a Revolução"*, de Enver Hodja, secretário-geral do Partido do Trabalho da Albânia.

Citando Lênin — "Sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário" — Amazonas instiu várias vezes na importância da assimilação do marxismo-leninismo para o êxito do movimento operário. "Foi graças à teoria marxista-leninista — disse —

De um lado, o general Golbery, que acha que a "abertura" é a única opção para a revolução, e o general Milton Tavares, do II Exército, que prefere voltar aos métodos sinistros da ditadura fascista. Do outro lado o povo trabalhador em luta, que mete medo nas duas alas em disputa dentro do regime militar.



Ele acha que é preciso "liquidar-se um vigoroso movimento grevista que, preferindo a opção revolucionária da contestação, extravase para a contestação de caráter político". Recomenda também a contenção de manifestações oposicionistas de estudantes, parlamentares, militares e órgãos de imprensa.

Saída é união do povo e frente pela democracia

Este é um lado da "abertura". O outro é "consolidar e, se possível, ampliar as próprias forças (do regime), mantendo sempre dissociada a frente oposicionista. Para isso Golbery recomenda que o governo procure os oposicionis-



Amazonas na palestra de lançamento do livro de Enver Hodja

Teoria é importante

Com uma palestra do dirigente comunista João Amazonas e a presença de cerca de 300 pessoas, o Centro de Cultura Operária promoveu dia 10 de setembro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa em S. Paulo, o lançamento do livro *"O Imperialismo e a Revolução"*, de Enver Hodja, secretário-geral do Partido do Trabalho da Albânia.

Citando Lênin — "Sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário" — Amazonas instiu várias vezes na importância da assimilação do marxismo-leninismo para o êxito do movimento operário. "Foi graças à teoria marxista-leninista — disse —

CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA (II)

Campanha nascerá dos movimentos de base

No número passado vimos a quem servem as diferentes propostas que têm sido feitas sobre a Constituinte. Veremos agora as condições para que ela seja livre e soberana, como quer a oposição verdadeiramente popular e democrática.

São duas condições gerais. A primeira é que ela resulte de um processo eleitoral livre, de discussão política ampla, sem entraves institucionais nem repressão. A segunda é que a Constituinte possa realmente *constituir*, ou seja, tenha poder para reorganizar de fato a vida política nacional. Sem a primeira condição ela não será uma Constituinte livre. Sem a segunda, não será soberana. E se não for nem livre nem soberana, será um arremedo de Constituinte, um embuste que não responderá às exigências da situação presente.

A quem cabe convocar?

Essas condições de liberdade e

soberania introduzem a questão de quem convocará a Constituinte.

O regime autoritário inaugurado em 1964, responsável por um dos períodos mais negros de nossa história, evidentemente não pode garantir a liberdade que a Constituinte requer. Pelo contrário. Sob sua égide, nem a limitada liberdade de imprensa que tínhamos nos últimos meses está podendo se manter, quanto mais um processo de ampla discussão de ideias para votar um poder constituinte. De outro lado, a Constituinte jamais terá poder de fato para *constituir*, soberanamente, se ao seu lado permanecer o regime atual. Uma das características básicas desse regime, desde 1964, é justamente o monopólio do poder em suas mãos, o serviço do grande capital externo e interno e do latifúndio. Enquanto ele existir, uma Constituinte não terá autonomia, não poderá constituir nada que não

Uma campanha de massas

Precisamos, além do mais, encaminhar esta campanha através de canais que favoreçam o predomínio da ideia da Constituinte livre e soberana. Uma campanha em mãos conservadoras ou conciliadoras faria vingar alguma tese do tipo da "Constituinte de Figueiredo". Uma campanha restrita à área parlamentar também dificultaria o predomínio dos pontos de vista populares, embora setores

fosse do agrado dos generais, enfim, não seria soberana.

Assim, as forças populares e democráticas precisam divulgar amplamente o seu objetivo político mais geral: a convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana, fruto da luta pelo fim do regime militar e convocada por um governo provisório, expressão das forças democráticas e da unidade popular.

Uma campanha de massas

Precisamos, além do mais, encaminhar esta campanha através de canais que favoreçam o predomínio da ideia da Constituinte livre e soberana. Uma campanha em mãos conservadoras ou conciliadoras faria vingar alguma tese do tipo da "Constituinte de Figueiredo". Uma campanha restrita à área parlamentar também dificultaria o predomínio dos pontos de vista populares, embora setores

parlamentares e outros tenham seu papel a jogar. Os canais que favorecem o predomínio das ideias de fundo popular e democrático são os canais populares e democráticos, os movimentos de base, de trabalhadores, estudantes, camponeses, intelectuais, etc. A campanha pela Constituinte que vai se esboçando pelo país deve fluir fundamentalmente por esses canais.

Os próprios Comitês Brasileiros pela Constituinte, ou Comitês pró-Constituinte, que vão se formando, devem ter raízes no movimento de massas. Assim, as teses conservadoras e oportunistas poderão ser melhor desmascaradas e combatidas. Tem havido ainda discussões no país sobre os critérios do parlamentarismo revolucionário a respeito da Constituinte, informados pelo marxismo-leninismo. E o que veremos no próximo número. (Haroldo Lima)

tas "de maior afinidade conosco", numa "hábil e esclarecida manobra de cooptação por partes".

O mérito da palestra de Golbery é que ela expõe de maneira sistemática a linha política oficial. Mostra os pontos de atrito entre ela e os generais da ala mais gorileasca. E esclarece a oposição inconciliável entre o regime atual e as aspirações do povo.

Sem querer, o general ajuda a definir os rumos imediatos das lutas operárias e populares. Se ele clama contra movimentos grevistas poderosos e de contestação política, é porque estes golpeiam em cheio o regime. Se ele aconselha a divisão da frente oposicionista, é porque isso isolaria e enfraqueceria os trabalhadores. Se ele prega tudo isso para salvar o sistema social vigente das pressões "quase

insuportáveis", é porque este sistema odioso está realmente em perigo.

No pensamento do contra-revolucionário Golbery do Couto e Silva, agente da multinacional americana Dow Química, existe uma linha de coerência de fazer inveja a muitos revolucionários de gabinete. Ele não esquece por um minuto a aproximação da revolução social, que combate com unhas e dentes. As forças conscientes da classe operária e do povo também não esquecem. Lutam hoje, em aliança com todos os democratas, para esmagar o terror fascista e por fim ao regime militar, mas sem perder de vista que seu futuro está na conquista do poder pelo povo e na marcha rumo ao socialismo. (Bernardo Joffily)

15 de novembro será pela Constituinte

Reunidos em Brasília no dia 11 de setembro, parlamentares e representantes da Tendência Popular do PMDB em diversos Estados resolveram encaminhar à Comissão Executiva do Partido a proposta de fazer do 15 de novembro deste ano um *Dia Nacional de Luta Pela Constituinte Livre e Soberana e de Repúdio à não Realização das Eleições*.

O documento aprovado na ocasião afirma que "de nada adiantaria repetir manifestações isoladas de apoio à Constituinte livre e soberana. É necessário — prossegue — empenhar todo o esforço numa campanha capaz de mobilizar amplas massas e estabelecer na sociedade uma forte corrente de opinião que se ofereça como contestação permanente e eficaz ao regime. Para isso é preciso que a campanha pela Constituinte passe necessariamente pelo movimento popular e galvanize toda a insatisfação presente na sociedade".

A Tendência Popular faz também algumas propostas de "ação imediata, articulada, capaz de se desenvolver rapidamente", como o uso constante e sistemático do parlamento, a organização de debates, conferências e palestras, a incorporação de todas as forças democráticas na campanha, a criação de comitês pela Constituinte e de grupos de propaganda por cidade.

Todo este processo, segundo o documento, terá em vista "a realização de grandes concentrações de massa no dia 15 de novembro, data significativa porque seria a das eleições frustradas pelo regime, e que será marcada como o dia de luta pela Constituinte e de deflagração da campanha nacional".

Gaúchos farão assembleia unitária dia 28

Porto Alegre, RS O plenário da Assembleia Legislativa gaúcha abrigará no dia 28 uma *Assembleia Unitária pela Constituinte*, que está sendo convocada por importantes parcelas do PDT, PMDB, e PT, e, o que é mais importante, por muitos populares das vilas e cidades do interior do Estado.

Cachoeirinha, Gravataí, Canoas, Alvorada e outros bairros operários de Porto Alegre foram os primeiros a lançar a discussão sobre o tema, que prossegue por meio de textos, apostilas debates. Ao mesmo tempo, praticamente todas as forças de oposição ao nível do Estado, embora tenham divergências, concordam que a conquista da Constituinte é indispensável, já que aponta para o maior interesse imediato de todo o povo — a substituição do regime militar. (da *Sucursal*)



Durante a plenária, por várias vezes ocorreram tumultos

REUNIÃO INTERSINDICAL

Grupismo prejudica ENTOES

Propostas dos “flutuantes, sem base” foram aprovadas

O Encontro Nacional de Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (I Entoes), que reuniu nos dias 13 e 14, no Rio de Janeiro, cerca de 90 dirigentes sindicais e 413 ativistas de quinze estados brasileiros, acabou sendo prejudicado pela ação de grupos inconseqüentes, principalmente oriundos da delegação paulista.

Com uma posição divisionista e cupulista, desvinculada da realidade, venceu no Entoes a proposta que tem, apesar de oculto, o objetivo de organizar uma entidade sindical tão cupulista e autoritária como a idealizada pelos pelegos e conciliadores, com o intuito de barrar o avanço do movimento operário.

“Pensei que ia ser melhor e me enganei. Só uma minoria de pessoas flutuantes, sem ligação com a base, falou. E o que foi aprovado não vai ser praticado”, desabafou Abdias do Nascimento, presidente do sindicato dos metalúrgicos de Niterói. Outro sindicalista recém-eleito, Avelino, do sindicato dos trabalhadores rurais de Santarém, Pará, advertiu: “Vocês que não estão ligados à produção e que não querem a real libertação dos trabalhadores tomem seu jeitinho e deixem de atrapalhar”.

Final triste

Entre as propostas, aprovadas no meio da grande confusão da plenária, destacam-se pelo realismo a formação de coordenações estaduais, num prazo de dois

meses, e da coordenação nacional, que terão como tarefa preparar novo Entoes para o primeiro semestre do ano que vem. Ou seja, estruturou-se o *Encontro*, como se fosse uma entidade. E o pior, nem se discutiu as bandeiras e campanhas de luta, numa clara preocupação cupulista.

O final do Encontro foi triste, com o plenário esvaziando-se e uma pequena minoria de “intelectuais” aprovando bandeiras de lutas às pressas, sem discussão.

Cupulismo dos grupelhos

Vários fatores levaram a esta deterioração do Entoes. Uma delas é que em certos lugares, como São Paulo, a iniciativa coube sempre aos grupos divisionistas. Segundo Olívio Dutra, “algumas tendências criticam a Unidade Sindical por ela ser cupulista, só de dirigentes sindicais. Mas o cupulismo também é feito sem dirigentes sindicais, por aqueles que se dizem vanguarda e não têm representatividade alguma”.

Outro fator prejudicial foi a omissão dos sindicalistas mais conseqüentes, inclusive os de renome, conforme ressalta o diretor do Sindicato dos professores de Minas Gerais, Vellington T. Gomes. A composição do plenário era boa, com muitos camponeses, operários e dirigentes conseqüentes, mas os grupelhos foram mais coesos e preparados.

Várias delegações antes de partirem para as suas cidades já ti-

nham uma avaliação crítica do Encontro. Para Rubico, o Rubens Campos, do sindicato dos médicos de Belo Horizonte, “apesar das dificuldades o Entoes teve pontos positivos, como a não aceitação da situação de miséria do povo e a conclusão de que o regime é o responsável e deve ser derrubado”. Já Jota, comerciário, também da delegação de Minas, assinalou que “o Entoes ficou amarrado por grupos que só reforçam a ditadura dos generais”.

“Vamos disputar espaço”

A participação mais decidida dos sindicalistas mais conseqüentes na Unidade Sindical também foi lembrada no final do encontro. Jorge Ramos, do sindicato dos radialistas do Rio, afirmou: “Os sindicalistas mais combativos devem estabelecer um eixo político para atuar na Unidade Sindical, disputando espaço com os reformistas e pelegos, exigindo a participação de delegados de base”.

Quanto ao Conclat, a idéia de que este seja propriedade dos dirigentes sindicais pelegos e conciliadores foi combatida. “Nós temos que interferir na preparação do Conclat, para torná-lo um grande congresso da classe trabalhadora, pela derrubada da ditadura, a mudança da legislação sindical e de todas as leis impostas pelos generais”, afirmou Washington José de Souza, veterano dirigente sindical baiano cassado em 1964.

METALÚRGICOS DE BH E CONTAGEM

A campanha esquentou

A última assembléia do dia 14 representou grande avanço
A decisão da categoria é preparar a greve imediatamente

No dia 14 de setembro 700 metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem realizaram uma das melhores assembléias da campanha salarial deste ano. Os patrões se mostraram irredutíveis na ridícula proposta de 3% sobre o INPC e a assembléia resolveu preparar a greve. O dia 28 vai ser o dia da decisão final e já está marcada outra assembléia para a próxima quinta-feira.

Depois da última assembléia, a *Tribuna* entrevistou José Vieira, membro da Comissão de Mobilização e da Comissão de Salários. Vieira já participou de várias lutas da categoria, da reposição salarial, da greve de poucas horas em 78 e da greve geral do ano passado.

Tribuna: Quais as principais reivindicações desta campanha?

Vieira: A categoria metalúrgica tem passado muitas dificuldades com o alto custo de vida em Belo Horizonte e o baixíssimo nível salarial. A grande maioria da categoria recebe salário mínimo. E não dá nem de longe para a sobrevivência, num lugar como Contagem e BH, com o custo de vida mais alto do país. O que é agravado pelas péssimas condições de trabalho, pelo rebaixamento dos salários através da rotatividade da mão-de-obra. Nossas principais reivindicações são 15% acima do INPC e estabilidade por um ano. Isto repõe uma parte do que foi engolido pelo custo de vida, mas ainda saímos perdendo.

Tribuna: A greve ainda é uma alternativa?

Vieira: Sim. Existe uma cons-

ciência espontânea nos operários de participarem no período mais decisivo. É quase certo que aumente muito a participação nas assembléias, agora que começam as negociações com os patrões. Tem que se levar em conta também que o pessoal não está participando muito, por descrédito, mas que a revolta está muito grande com o salário e as condições de vida piorando bastante.

Tribuna: Como você vê as greves passadas, valeram?

Vieira: Só a luta radical consegue levar a classe operária até seus objetivos, tanto os mais próximos como os finais. A classe operária mineira, nestas greves, retomou sua tradição de luta. (da *Sucursal*)

COMISSÃO DE FÁBRICA

Volks tenta dominar operários

No dia 10 de setembro o presidente da Volks, sem consultar os trabalhadores, anunciou um Sistema de Representação dos Empregados, escolhidos pelo voto secreto e direto.

As três fábricas da Volks serão divididas em 12 áreas eleitorais. Em S. Bernardo haverá 8 áreas, sendo uma para mensalistas e 7 para horistas. Em cada área de horistas haverá dois representantes, um sindicalizado e um não sindicalizado.

Para controlar todo esse sistema são criadas duas comissões: a Eleitoral e a de Acompanhamento. Só podem ser candidatos os que tiverem mais de cinco anos de casa. A Volks pode mudar as regras a hora que quiser e o representante só poderá tratar de assuntos que não prejudiquem a empresa. Nada de política ou salários.

Porque a Volks fez isso?

Há muitos anos que a classe operária luta por comissões de fábrica autênticas e agora vem a Volks criando comissões de colaboração de classes. Além de não participar do poder político e aquietar uma Constituição imposta pelos militares, e de ter os sindicatos atrelados ao Ministério do Trabalho, ela agora tem também



Constantes reuniões na Volks preocupam patrão

que lutar contra as comissões de fábrica atreladas aos patrões.

A Volks quer também dividir os operários, cada representante de uma área não pode atuar em outra, os horistas não podem defender os interesses dos mensalistas e quem não tem cinco anos de casa não pode ser candidato. Os líderes mais combativos e os trabalhadores que sofrem o desemprego rotativo não poderão ser representantes.

A maioria dos funcionários

(57%) não pode se candidatar e tudo será controlado pela Comissão Eleitoral, que contém elementos nomeados pela firma, e pela Comissão de Acompanhamento, dirigida pelo chefe do Pessoal.

Para os trabalhadores, que continuam a sua luta por comissões de fábrica independentes, é importante o estudo dessa manobra da Volks, pois só o estudo cuidadoso permitirá saber como encarár essa representação, com vistas a desenvolver as lutas operárias.



Diretoria recém eleita traça primeiros planos

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL - PR

Pelego derrubado

A vitória da chapa 2, de oposição, nas eleições realizadas em agosto no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Curitiba é o fato mais significativo no meio sindical paranaense este ano.

Há quinze anos que a entidade vinha sendo dirigida pela mesma equipe de pelegos e a sua omissão pôde ser verificada plenamente quando ocorreu a greve espontânea de novembro do ano passado, o já famoso “Movimento dos 80%”.

A antiga diretoria, presidida por Agnaldo Ramos Forbucci, de-

monstrou diversas vezes sua atitude patronal, pronunciando-se contra a greve.

Antônio Pereira Santana, o novo Presidente, disse à *Tribuna*: “A nossa vitória nas eleições se deve mais ao movimento grevista (de novembro do ano passado) que a diretoria não assumiu, deixando a categoria desprotegida”.

Segundo o Davi Pereira de Vasconcelos, atual Vice-Presidente, “o Sindicato vai lutar por melhores condições de vida e trabalho para os operários. Para conseguir isso precisa muito trabalho de base nas obras”.

LUTA SALARIAL DOS METALÚRGICOS

Começo de briga

Falta de unidade pode enfraquecer a luta
Os próximos dias serão decisivos

O maior sindicato da América do Sul, o dos metalúrgicos de S. Paulo, que junto com Osasco e Guarulhos congrega mais de 400.000 trabalhadores, já iniciou a campanha salarial.

As brigas entre a diretoria e grupos de oposição têm trazido grandes prejuízos para os metalúrgicos paulistas. O Presidente do Sindicato de S. Paulo, Joaquim, se especializou em desmobilizar a categoria e fazer acordos com os patrões, contra os trabalhadores.

Joaquim lança constantemente provocações e alguns grupos de oposição reagem transformando as reuniões em brigas que não levam a nada.

Este ano a tática dos pelegos foi fazer reuniões por fábricas, restritas a um pequeno número, com fraca convocação e tentando já preparar suas campanhas eleitorais.

O objetivo dos pelegos é adiar as assembléias decisivas, deixando pouco tempo para as negociações e a preparação das greves. Querem também tirar uma Comissão de Salários fajuta e sob seu controle.

Nas fábricas, a situação salarial piorou muito do último reajuste para cá; existem vários grupos de fábrica e alguns já preparam fundos de greve. No próximo dia 10 muitos guardarão uma parte do salário.

Osasco

Em Osasco a mobilização é maior, já que a diretoria, apesar de dividida, tem movimentado a campanha. Os diretores têm ido à porta das fábricas e feito grandes comícios de preparação. Já foram feitas duas assembléias e nos dias 20 e 21 será realizado um Congresso para discutir uma pauta de reivindicações. Segundo Clemente, um dos diretores, “apesar de



Guarulhos

A primeira assembléia de Guarulhos, no dia 12, transformou-se numa briga entre a diretoria e um grupo chamado Oposição Sindical.

O comparecimento de mais de 300 pessoas foi maior que no início da campanha do ano passado e já se tirou uma comissão de trabalhadores para encaminhar a campanha junto com a diretoria. Tanto a atitude da diretoria como a da Oposição acabaram esvaziando a reunião.

Se os trabalhadores fortalecerem suas organizações nas fábricas, se atuarem dentro dos sindicatos empurrando os pelegos ou passando por cima deles, se combaterem o espírito estreito dos grupos e conquistarem uma unidade com as outras categorias, poderão conquistar novas vitórias.

Na semana passada ocorreram paralisações na Ford de S. Bernardo e na indústria têxtil Matarazzo. São indicações do estado de espírito da classe operária paulista. A situação difícil poderá levar várias categorias à greve e trazer um novo nível de lutas.



Trabalhadores EM MARCHA

Metalúrgicos em luta

Rio de Janeiro, RJ — Cerca de 500 metalúrgicos participaram da última assembléia da categoria, dia 12. Os patrões ainda não responderam às reivindicações. Enquanto isto os pelegos e oportunistas fazem de tudo para desmobilizar a categoria e prejudicar a comissão de mobilização, formada por membros da chapa 2, de oposição: o MUM. A última do pelego foi propor para a assembléia do dia 26 a decretação da greve, com o objetivo de esvaziar o movimento, pois não há ainda respaldo numa categoria de 250 mil metalúrgicos.

Paralisação na Ford

São Bernardo, SP — O ânimo dos metalúrgicos do ABC continua alto, para a tristeza do governo, patrões e conciliadores. Recentemente várias seções da Ford pararam por algumas horas o trabalho, exigindo pagamento das férias, índice de 100% nas horas extras nos domingos, etc. “O pessoal está muito mais quente agora do que antes da nossa última greve”, afirma um nordestino, do setor de pintura. A multinacional ainda não deu resposta. Em outras fábricas de São Bernardo a movimentação é a mesma.

Vitória dos mestres

Goiânia, GO — Mais um pelego cai por terra. Com 81% dos votos, a chapa dois, de oposição, venceu a eleição no sindicato dos professores do Estado de Goiás, realizadas nos dias 9, 10 e 11. Esta vitória proporciona à categoria importante arma contra o arrocho salarial. Agora a nova diretoria democratizará o sindicato com assembléias periódicas e incentivando a formação de comissões por escolas eleitas livremente.

Greve na Matarazzo

São Paulo, SP — Várias seções da indústria têxtil Matarazzo, de 1500 operários, paralisaram o trabalho no dia 12 exigindo pagamento do salário atrasado. A paralisação foi vitoriosa, tendo os trabalhadores recebido no dia. Os

abusos da Matarazzo são muitos: falta de segurança (recentemente um operário faleceu); inexistência de restaurante; salários baixos. Uma forma justa dos têxteis expressarem seu descontentamento será participando da campanha salarial deste ano. A próxima assembléia é dia 5, no sindicato.

Economistas

Rio de Janeiro, RJ — Com a presença de 300 economistas realizou-se dia 8, na Academia Brasileira de Ciência, a apresentação das duas chapas concorrentes à próxima eleição do Instituto de Economistas. Uma reúne figuras da economia, como Maria da Conceição Tavares, e defende um pacto social entre a classe dominante e os explorados. A oposição, encabeçada por Luis Carlos Pereira, critica a dependência tecnológica brasileira e a falta de liberdade de organização.

Bancário espancado

Salvador, BA — Os banqueiros não querem perder um tostão e por isso abusam dos funcionários. Um exemplo é o ocorrido com o motorista do carro-forte do Banco Nacional do Norte, Nelito dos Santos. Acusado injustamente de ter roubado, foi espancado por policiais chamados pelo chefe da agência, Carlos Alberto Sucupira.

Lavadores votam

Santa Luzia, MA — O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia no Maranhão vai ter eleições em 2 de novembro e a preparação está bastante movimentada. Apesar de todas as ameaças e violências, a chapa 2 de Oposição está muito forte e tem muita chance de ganhar. A chapa 2 foi tirada em amplas consultas.

As terras de Santa Luzia são dominadas por 30 grandes grupos nacionais e estrangeiros. O sindicato está nas mãos de Honorato, um amigo dos grileiros. Balmundo Alves da Silva, o Nonatinho, é o presidente da chapa 2.

A LEI DO ARROCHO - I

O que é INPC?

As reivindicações das campanhas salariais têm sido de 15 ou 20% sobre o INPC. Mas afinal o que é INPC? Será que é bom esse reajuste que o governo dá?

O INPC é um Índice Nacional de Preços ao Consumidor, calculado pelo IBGE a partir de uma pesquisa dos gastos da família do trabalhador e dos preços nas lojas e mercados.

O primeiro problema é que o IBGE é controlado pelo Ministério do Planejamento, ocupado pelo Delfim Netto. Logo que ele entrou no Planejamento demitiu o Presidente do IBGE e colocou gente sua no posto. E os trabalhadores nunca esquecerão os prejuízos que já tiveram com os cálculos do Delfim; não podem confiar nesses dados.

Além disso, o próprio método de cálculo prejudica o trabalhador. Por exemplo: se uma família gastou 6% de sua renda

com o feijão, o peso do feijão no índice será 6%. Mas todo mundo sabe que a gente não come quanto quer mas come quanto pode. Cada vez o trabalhador come menos feijão, carne, leite, etc. E cada vez o peso desses produtos é menor no cálculo do índice.

Um cálculo honesto seria baseado no que uma família de trabalhadores precisa gastar para ter uma vida digna e com saúde. No sistema capitalista os patrões se aproveitam da inflação, aumentam os preços dos produtos que fabricam e botam a polícia nas ruas para não deixar os salários subirem.

Os aumentos do INPC estão sempre abaixo da inflação como foi visto na *Tribuna* n.º 21. O último índice foi de 33,5%, quando a inflação no período correspondente chegou a quase 50%. A nova política salarial é um disfarce do velho arrocho salarial.



O Tocantins e ao fundo Marabá, que há três anos vem sendo castigada pelas cheias do rio

VIOLÊNCIA NO PARÁ (III)

DEZ ANOS DEPOIS

A diferença é grande para quem, como eu, regressa a Marabá depois de dez anos de ausência.

Chegando a Marabá a primeira impressão que se tem é de uma cidade que sofreu uma guerra, como dizem os moradores. Muitas casas ruíram sob o peso das águas do Rio Tocantins, o lixo se amontoa pelas ruas esburacadas e uma poeira vermelha invade as casas cheias de moscas. Surgiram praticamente duas novas cidades: a "Cidade Nova", do outro lado do Rio Itacaiunas, e a "Nova Marabá" do mesmo lado da velha, distante menos de dez quilômetros. A antiga Marabá é a imagem de uma cidade abandonada pelos órgãos públicos e que vive uma lenta agonia.

Nos últimos três anos a cidade foi inundada por cheias cada vez maiores dos rios Tocantins, Araguaia e Itacaiunas, consequência da construção da barragem da hidrelétrica de Tucuruí. O governo nem ao menos avisa se a cidade está ou não condenada, já que não pretende indenizar ninguém. Segundo declarações do próprio prefeito, um coronel da PM, não se permite qualquer melhoramento na parte velha da cidade. Depois da última cheia, a "salvação", segundo os moradores, foi a descoberta de ouro na Serra Pelada, para onde se dirigiram milhares de pessoas na esperança de enriquecer. Os preços da cidade são de garimpo, exorbitantes: uma galinha "caipira" chega a custar 500 cruzeiros, pagamos 100 cruzeiros por um sanduíche em

uma lanchonete, um jornal diário de Belém custa 35 cruzeiros, um refrigerante 20 e uma cerveja 50 cruzeiros.

Já na década de 60 a "Meridional" e outras empresas estrangeiras pesquisavam os minérios da região. Hoje preparam-se para abocanhá-los com a cumplicidade do governo. O chamado "Projeto Carajás" abrange a exploração das grandes jazidas de manganês, cobre, ouro, estanho, zinco, prata, cromo, amianto, a industrialização de parte dos minérios, a exploração da pecuária, envolvendo bilhões e bilhões de dólares.

Araguaia militarizada

Desde a Guerrilha do Araguaia a cidade foi militarizada. Foram montados dois quartéis, um do Exército e outro da Polícia Militar. O Exército interveio em todos os aspectos da vida da cidade: até dívidas eram cobradas no "Oito", o quartel do Exército. Esta intervenção, principalmente durante a guerrilha, é marcada pelas arbitrariedades e violências praticadas contra a população da região. Atualmente a repressão mais direta está por conta da Polícia Militar.

Elevou-se em muito a luta pela terra, justiça e liberdade, o grau de consciência e a organização do povo da região. Os jovens de Marabá organizaram um Movimento da Juventude. Em algumas cidades já foram formadas ou estão em formação Comissões Provisórias do PMDB. Foi organizada a Comissão Pastoral da Terra de Marabá. Surgiram sindicatos de trabalhadores rurais, em

Conceição do Araguaia, São João do Araguaia, Itupiranga, São Domingos do Capim, e uma Delegacia Sindical em Marabá. Em Arraías foi criada esse ano a AD-TUNI, Associação de Defesa dos Trabalhadores Unidos de Nova Jacundá. No último 25 de julho, dia do Trabalhador Rural, mais de 4 mil camponeses participaram de um Ato Público e de uma Passeata exigindo Reforma Agrária e Liberdade. (Newton Miranda)

MARANHÃO E CEARÁ

Encontros Intersindicais

Pouco a pouco os trabalhadores rurais, através de seus sindicatos, melhoram seu nível de organização. Recentemente no Maranhão e Ceará foram feitos dois encontros entre sindicatos visando unificar exigências e lutas, o que facilitará futuras vitórias.

Sindicalistas maranhenses

Em São Luis, entre os dias 6 e 9 de agosto, mais de uma dezena de sindicatos rurais, várias delegacias sindicais e membros de oposições sindicais aprovaram um combativo programa de ação comum que destacava a luta pela Reforma Agrária Radical, e pela Assembleia Nacional Constituinte.

Os sindicalistas também se posicionaram contra a política econômica do governo, criticaram os pelegos — "elementos infiltrados que querem jogar água nas

CANAVIEIROS - PE

Canavieiros preparam-se para greve

Em Pernambuco, os trabalhadores assalariados nas lavouras de cana de açúcar preparam as campanhas salariais deste ano. As assembleias serão nos dias 17 e 21 de setembro para aprovar a pauta de reivindicações e estabelecer uma nova Convenção Coletiva de Trabalho.

A primeira luta pela Convenção Coletiva, depois de 14 anos de silêncio, se deu em setembro de 1979, quando 24 sindicatos se mobilizaram.

A participação foi bastante grande. Basta ver que de 90 mil trabalhadores envolvidos, 50 mil compareceram às assembleias. Os trabalhadores tiveram em 1979 um dos maiores reajustes até hoje conseguidos.

"A experiência da luta aumentou o ânimo dos trabalhadores. Este ano, em vez de 24, seremos 41 sindicatos cobrindo toda zona canavieira do Estado", reunindo mais de 200 mil trabalhadores a exigirem dos patrões o atendimento de nossas reivindicações. Estamos mais fortes, mas temos a consciência de que os obstáculos também são maiores.

Os sindicatos sob a coordenação da Federação apresentam 26 reivindicações sendo que uma delas é um salário profissional de 6.900 cruzeiros. (da Sucursal)

lutas dos lavradores" — e a direção da Federação dos Trabalhadores Rurais do Maranhão que nada faz na região. (da Sucursal)

Tensão no Ceará

Com a participação da Federação dos Trabalhadores Rurais do Ceará e dos sindicatos rurais de Aracati, Iracema, Alto Santo, Palhano, Morada Nova, São João do Jaguaribe, Jaguaribe, Jaguaribana e da delegacia Regional de Russas, além de representantes do Comitê de Solidariedade aos Atingidos pela Seca e da União das Comunidades da Grande Fortaleza, realizou-se no dia 15 de agosto no povoado de Russas o Encontro dos Sindicatos Rurais do Jaguaribana. Durante o encontro foi bastante criticada a política rural do governo, a situação de desemprego e baixo salário (82 cruzeiros por dia) (da Sucursal).



Manezinho: regime não dá nada ao camponês e atola o país

ENTREVISTA - BA

Opinião de um camponês

A situação de miséria e injustiça dos camponeses do nordeste é contada por um camponês de Guanambi muito popular na região: o "Manezinho", José Ferreira de Melo, 49 anos e que há 10 anos participa do movimento sindical, com trabalho de conscientização, sindicalização, etc.

Tribuna: Quais os problemas enfrentados pelo homem do campo hoje e quais as medidas tomadas pelo governo para resolvê-las?

Manezinho: Os principais problemas são a grilagem da terra, a expulsão dos posseiros e o assassinato de camponeses. E o governo não soluciona nenhum desses problemas. Trabalho aqui há muito tempo e sei que os camponeses vivem uma situação negra. O assalariado agrícola do algodão ganha apenas 80 cruzeiros por arroba e não tem direito a nada, nem a carteira assinada. Os barracões de fazenda, que ainda existem, vendem tudo mais caro. Existem poucas escolas na área rural, onde os professores ganham muito mal e o ensino é o pior que se pode imaginar. A assistência médica é precária, crianças morrem em consequência da subnutrição.

Tribuna: E como é a atuação do sindicato dos trabalhadores aqui?

Manezinho: De certa forma houve avanço, aumentou a sin-

dicalização, etc. Mas o sindicato não está correspondendo às exigências dos trabalhadores. Apesar de na diretoria atual haver companheiros firmes, o atual presidente, alegando que os camponeses não estão preparados, vêm tomando decisões sem consultar os associados, demonstrando ser mais um carreirista e oportunista.

Tribuna: Como você vê a importância da Reforma Agrária?

Manezinho: Reforma agrária é eliminação dos latifúndios, distribuição de terra para os homens do campo que querem lavrar a terra. Mas eu só acredito na Reforma Agrária Radical que distribui terra, bota escola e assistência médica, garante crédito e assistência técnica, armazenamento e escoamento dos produtos agrícolas com preços justos. Esta reforma agrária vive na cabeça de todos os camponeses e só será conquistada na luta dura, com a união dos operários com os trabalhadores rurais.

Tribuna: O Brasil vive uma crise sem igual e parece não ter saída. Como você vê a situação atual?

Manezinho: O regime dos generais já demonstrou de sobra que não tem capacidade de resolver nada. Cada dia atola mais o país. Isto é uma grande prova de que o povo precisa substituir este regime.



Itália: greve na Fiat

A multinacional Fiat se encontra às voltas com uma grande greve em sua matriz italiana, em Turim: praticamente todos os seus operários cruzaram os braços, em resposta à ameaça da empresa em demitir 14 mil trabalhadores. A empresa alega estar com muito estoque, e quer aumentar os seus lucros, que dizem ser reduzidos. Enquanto isso, um veículo da Fiat no Brasil custa em média 220 mil cruzeiros...

A farsa de Pinochet

No dia 11 de setembro, data do sétimo aniversário do bárbaro golpe militar chileno, responsável por mais de cinco mil mortos, o ditador Augusto Pinochet promoveu uma nova farsa, ao estilo de um plebiscito promovido em 1978. Para verem aprovado o seu projeto de Constituição, os militares chilenos mais uma vez roubaram descaradamente: nada de listas eleitorais, bastava que o "eleitor" marcasse um papel com a impressão de seu pelego. E aproveitaram a ocasião para desencadearem uma nova onda de terror, prendendo e torturando um número não determinado de pessoas. Pinochet, com essa impostura, pretende continuar no poder até 1989. Mas, para o seu azar, essa não é a opinião do povo chileno.

Lucros para as multas

A política de abertura às multinacionais adotada pelo atual governo chinês está possibilitando grandes lucros à Alemanha Ocidental. Aproveitando-se do baixo custo da mão-de-obra e das riquezas naturais da China, companhias alemãs assinaram acordos, num total de 21 bilhões de dólares, para penetrarem nos setores de metalurgia, energia, petroquímica, etc. Em Xangai, um consórcio de 17 empresas estrangeiras, liderado pela Schleman-Cimag Ag, está construindo uma fábrica de laminação de aço, com um custo de 1 milhão e 300 milhões de dólares. A Lurgi Gesselshaft instalará mais três petroquímicas por mais 1 bilhão de dólares. Com isso, a dívida externa da China atingiu 30 bilhões de dólares.

O que a Polônia ensinou

O gigantesco movimento grevista na Polônia proporcionou importantes lições para a compreensão da política de traição ao socialismo patrocinada pela União Soviética e os governos de seus países satélites, além de ocasionar novos constrangimentos aos partidos pró-soviéticos de todo o mundo, mal refeitos das tentativas de explicação da intervenção soviética no Afeganistão.

Os acontecimentos na Polônia são fruto direto dos desvios ideológicos registrados durante a década de 1950. Tal como na URSS a partir de Kruschov, o governo de Vladyslaw Gomulka iniciou em 1956 um processo de destruição do socialismo e restauração do capitalismo, subordinado por completo à política de Moscou. O Partido Comunista Polonês (depois Partido Operário Unificado - POUP), após o expurgo dos elementos mais fiéis à classe operária, assumiu uma política burguesa travestida em "marxismo-leninismo de novo tipo". Na verdade, promoveu o surgimento de uma nova burguesia, com um Partido e um governo burocratizado e desvinculado da classe operária, desembocando em um capitalismo sob novas roupagens: o capitalismo de Estado.

Economia dependente

Em 1970, uma revolta operária de enormes proporções provocou a queda de Gomulka. Seu sucessor, Edward Gierek prometeu que desenvolveria uma nova política, mas continuou no mesmo caminho de traição: uma de suas primeiras iniciativas foi alterar o plano quinquenal de 1971/75, transferindo os investimentos da indústria pesada para a leve. No campo, passou a incentivar a propriedade privada em lugar da coletiva, abolindo leis que a restringiam e simplificando os processos para a venda de terras e transmissão de herança. Deu início também à penetração do capital estrangeiro, através de acordos com a Alemanha Ocidental, e aumentou sua dependência ao mercado comum dos países satélites da URSS, o COMECON.

Toda essa política de traição dos mais elementares princípios econômicos marxistas-leninistas deu origem a atual crise, na qual a Polónia se vê às voltas com uma dívida externa de 19 bilhões de dólares, tendo como principais credores a Alemanha Ocidental e os Estados Unidos. O governo pretendia dar novos passos para aumentar a dependência aos banqueiros internacionais, quando eclodiu o movimento grevista. Diante de tudo isso, denominar de



socialista o regime polonês é no mínimo uma piada de extremo mau gosto.

Silêncio encabulado

Mas é justamente isso que jornais como *Voz da Unidade* e *Hora do Povo*, após um longo e encabulado silêncio, procuraram fazer em seus comentários. Ambos exaltam a não repressão aos grevistas, ao contrário do que ocorre no Brasil e outros países, como um comprovante do fácil diálogo entre operários e governo. No entanto, se esquecem dos sangrentos conflitos em greves anteriores, como a de 1970, que deixou 56 mortos.

Mais afoito que o *Voz da Unidade*, o *Hora do Povo* chega mesmo a tomar partido contra os grevistas, acusando-os de preconceituosos, equivocados, divisionistas e sem preparo político. E ainda critica o governo polonês por ter cedido, advertindo que isto "produzirá inevitáveis problemas em um futuro próximo".

As lições da greve

As greves polonesas proporcionam várias lições para a classe operária dos outros países, lições que são evitadas pelos jornais citados. Uma delas é que na Polónia não há socialismo, mas capitalismo. Uma classe social no poder não tem motivos para recorrer à greve, como os operários poloneses fizeram, e às centenas de milhares. E não se trata de influências ou desejos, mas da realidade social objetiva da Polónia, que comporta esse tipo de luta, de choque de classes, entre trabalhadores e patrões, que nesse

caso é o regime polonês.

Outra lição é que a classe operária está na oposição ao regime vigente. Além das reivindicações econômicas, os grevistas fizeram reivindicações políticas de cunho democrático, o que levou a uma aliança entre a reação e o governo. O melhor exemplo disso é a Igreja polonesa, que embora combata com vigor o socialismo, fez apelos para o fim da greve.

A vitória dos grevistas não significou porém a instauração de uma nova ordem social ou o abandono do caminho capitalista. As conquistas democráticas, embora importantes, não tocaram no esquema de poder. E a substituição de Gierek por Stanislaw Kania recorda muito a queda de Gomulka, ou seja, uma mudança para que tudo continue como antes.

A crise da Polónia demonstra também que a Europa Oriental parece estar vivendo os prenúncios de um novo ciclo de choques de classe, desta vez contrapondo o proletariado traído desde 1956 aos novos exploradores liderados pela União Soviética. Pouco antes da greve polonesa, ocorreram paralisações na URSS e, posteriormente, três mil operários romenos também cruzaram os braços. A União Soviética e seus satélites fizeram de tudo para que o exemplo de Gierki não atravessasse suas fronteiras, chegando a interferir em transmissões de rádio. Mas não há forma de imunização contra os conflitos de classe, quando existem contradições de classe antagônicas a servir-lhes de base. (Dilair Aguiar)

O povo armado

Quando visitou a Albânia, em 1956, Nikita Kruschov ficou intrigado com o número de pessoas armadas que encontrou. Até que, num passeio pelos laranjais do litoral sul do país, o então todo-poderoso secretário-geral do PC da União Soviética não se conteve: "Aquele camponês ali — perguntou — por que está armado?". "É a política do Partido do Trabalho — responderam seus acompanhantes albaneses — de armamento de todo o povo". "Mas... vocês não têm medo de atentados?" — foi a reação do visitante.

Este pequeno episódio mostra como Kruschov andava longe dos ensinamentos leninistas sobre a defesa e a segurança do socialismo. "No socialismo — dizia Lênin — cada cidadão deve ser um soldado e cada soldado um cidadão". Os albaneses seguem essa orientação ao pé da letra e levaram-na até as últimas consequências.

Cada fábrica uma fortaleza

A Albânia não possui um "exército de quartel", do tipo existente nos países capitalistas. As forças armadas fundem-se com a população trabalhadora. Mas a educação do povo para a defesa da pátria e do socialismo vem praticamente desde o berço.

Desde o jardim de infância as crianças já aprendem a rastejar e brincar de "partisan" (guerrilheiro) e "fascista". Mais tarde, no segundo ciclo, começa o treinamento para valer. Aos 18 anos, todos os rapazes e moças, sem exceção, prestam o serviço militar. E a partir daí passam a tomar parte ativa da defesa da pátria. Todo ano fazem um mês de treinamento militar.

Cada empresa é uma unidade do sistema de defesa. Em muitas vezes o comandante é um operário, enquanto o diretor pode ser um simples soldado. Além do período anual de treinamento, feito por turnos, as vezes há também exercícios de alarme. No meio da noite, sem aviso prévio, todos os trabalhadores de determinada fábrica são avisados. E já sabem o que fazer. Cada um veste seu uniforme, pega sua arma e



Lema: "Ombro a ombro e pólvora seca"

dirige-se de casa para a empresa. Em questão de quinze minutos ou meia hora estão todos lá, prontos para o combate. Discute-se então os pontos fortes e os pontos débeis da mobilização, e só depois cada um volta para casa.

Também há exercícios assim em cada bairro, cooperativa agrícola, ao nível de cidade e região. Os aposentados e crianças ficam responsáveis pelos serviços de retaguarda.

A preocupação com a defesa aumenta devido às características do país, pequeno, curtido por incontáveis invasões estrangeiras e cercado por um mundo capitalista-revisionista em crise. Os albaneses concluíram daí que, para estarem seguros, precisam estar vigilantes.

Rendição jamais

Mesmo assim não se vê nem sombra de psicose de guerra ou violência. A vida do país é calma, a polícia não bate no povo, não há cassetes nem bombas de gás. E os albaneses encaram o perigo de uma agressão externa com a tranquilidade certa de que podem vencê-la.

No passado, eles já eram um osso duro de roer. Mesmo os turcos, que ocuparam a Albânia durante 400 anos, não conseguiram penetrar em algumas áreas montanhosas rebeldes. E agora essa tradição de coragem tem um ingrediente novo: a consciência de que o socialismo é a felicidade do povo trabalhador e merece ser defendido, custe o que custar. Por isso os albaneses não estão blefando quando colocam na sua constituição um artigo dizendo que o país jamais se renderá. Há 2 milhões e 600 mil cidadãos soldados sustentando essa decisão.



fala o POVO

“Fala o Povo” inaugura neste número o **Consultório Popular**. Trata-se de uma seção, onde nossos leitores poderão fazer perguntas sobre questões de seu interesse. Façam perguntas claras e curtas. Como não temos muito espaço, só temos um cantinho de página para esta nova seção.

Com o Consultório Popular procuraremos ajudar os trabalhadores, as donas de casa, os camponeses, estudantes, enfim todos que quiserem esclarecer alguma dúvida sobre questões do trabalho, da vida de todo o dia, de política.

Continuem a escrever também, como sempre, fazendo denúncias e refletindo a vida de nossa gente. Colaborem conosco, para que possamos servir cada vez mais a quem nos lê e nos sustenta: os trabalhadores e o povo. (Olivia Rangel)

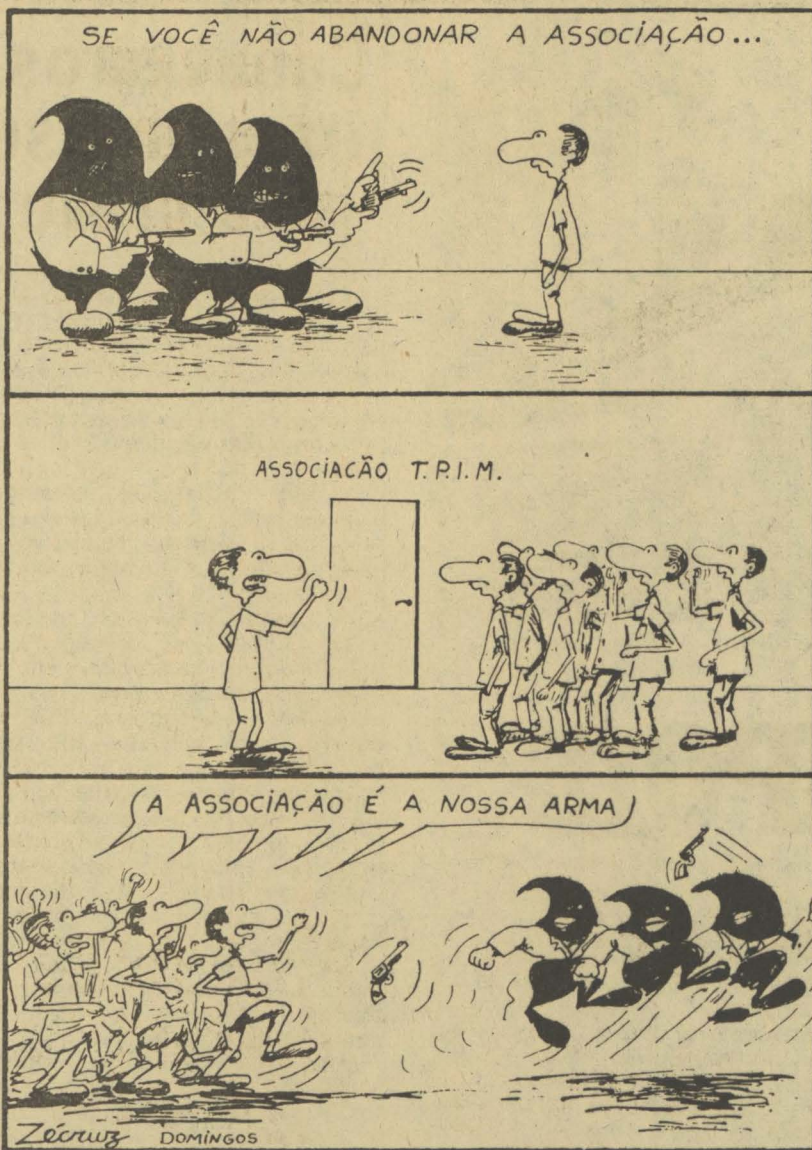
Povo ajuda seu líder

Em meados dos meses de agosto o povo do bairro da Canjica, um dos mais pobres da periferia de Cuiabá, foi informado por intermédio de seu representante de que João Batista, presidente da Associação do Barro Duro e empregado do Mobral havia perdido seu emprego. E supunha-se que isso ocorreria devido a seu trabalho dedicado aos favelados. Ele encontrava-se em péssima situação financeira, tendo que enfrentar dificuldades.

Logo que tomaram conhecimento do fato, os moradores do Canjica tomaram providências, convocando os moradores do bairro a comparecerem a sua sede, levando sua solidariedade. Na reunião seguinte foi feita a coleta de vários copos de óleo, arroz, feijão, macarrão, uma rica feira que foi entregue ao presidente da associação do Barro Duro.

No domingo do dia 31, João Batista viu-se no dever de comparecer à reunião do Canjica, para prestar seu agradecimento. Da reunião participaram várias pessoas: entre elas, pela primeira vez, o presidente da FEMAB. Após vários oradores, ele usou da palavra para expressar o entusiasmo que o tomava naquele momento: nunca tinha visto coisa igual, como aquele povo tão valente era também tão solidário!

No meio da reunião, um senhor levantou-se e falou: “Não fica só nisso! Estamos aqui para o que der e vier! Não tenha vergonha, companheiro. Ainda está precisando de alguma coisa?”. Finalizando, falou o vice-presidente da Associação, o popular Biê. Disse ele: “Uma liderança não deve sofrer dificuldades por capricho de um governo, seja ele qual for”. (Um morador de Canjica - Cuiabá, MT)



Precisa dizer mais?

São inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos operários de Montes Claros (norte de Minas) para a criação da Associação dos Trabalhadores Profissionais em Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Elétricos. Desde o fim do ano passado, quando foi constituída a primeira diretoria provisória da entidade, que as maiores aberrações e atos de mais baixa categoria estão sendo cometidos pelos patrões. Todos os tipos de perseguição foram impostos a todos os que tiveram a coragem de tomar a frente do trabalho para a criação da associação. Até mesmo o delegado regional do trabalho, Sr. Benito Mussolini Gandra, tudo fez e continua fazendo para enterrar, da maneira mais reacionária e fascista possível, os trabalhos de documentação da entidade.

A repressão começou com a demissão injusta do presidente da entidade, José Pinto de Oliveira. Depois de demitido de Peugeot, ele teve que deixar a cidade, por não conseguir mais emprego nas indústrias locais. Logo depois a mesma Peugeot mandou embora outro funcionário seu, por nome Vander. Este foi vítima, em sua residência, de um grupo de homens armados e disfarçados com capuz, que ameaçaram de morte

caso ele não se afastasse do trabalho de conscientização dos operários dentro das fábricas. Logo depois foi demitida a secretária da Associação, Silésia Louredo Martins.

Como se tudo isso não bastasse, o vice-presidente da Associação, José Paulo Ferreira Gomes, foi demitido injustamente da MECA - Mercantil Indústria Mecânicas S/A, extensão da multinacional Barber-Green.

E o mais triste é que os três jornais de Montes Claros não escreveram uma linha sequer a respeito do problema. Se o fizeram, foi sem citar o nome da Peugeot ou da MECA, por elas serem suas clientes publicitárias. Além do mais, a região Norte de Minas conta com uma mão-de-obra barata que atrai todo tipo de indústria, sobretudo as reflorestadoras, que estão expulsando o homem do campo de sua terra. Isso sem falar no desmatamento indiscriminado das reservas florestais desta região sofrida. Existe até um projeto de instalação aqui de uma indústria de celulose, uma das maiores fontes de poluição que conhecemos.

Precisa dizer mais? (Um morador de Montes Claros, MG)

DNER causa prejuízo

Levamos dois meses de luta para aterrar esta travessa, que ainda nem tem nome certo. Usamos carro de mão, carroças, todo mundo trabalhando, pois se não colocássemos a terra, durante as chuvas a água levaria tudo, já que a travessa é caminho do rio.

Um dia destes apareceu por aqui um engenheiro do DNER, que está construindo 31 casas, financiadas pela Caixa Econômica, para apanhar terra do rio para suas construções. Na passagem da máquina — que pertence ao DNER — ele escavou quase um metro de nosso aterro, deixando as casas no perigo.

Nós então apertamos ele para tapar o buraco que tinha feito. Mas ele se saiu dizendo que a prefeitura faria o serviço, o que não aconteceu. Agora todo mundo tira o corpo fora e nós ficamos com o buraco em nossas portas. Nem para enfrentar a gente esse engenheiro tem coragem, pois fez o serviço e nunca mais apareceu por aqui.

Vamos continuar apelando para os responsáveis pelo município e pelo DNER consertarem o estrago, o que não é fácil. Ao mesmo tempo, denunciaremos que esses que estão em cima de nós além de terem tudo — máquinas à disposição, dinheiro da Caixa, proteção — ainda prejudicam os que



O buraco que o engenheiro fez

estão em baixo, destruindo em um dia o que a gente lutou para fazer em dois meses. (F.A. - Santana do Ipanema, AL)

Construtoras de Anápolis negam acordo

As empresas de construção civil de Anápolis não respeitam a Convenção Coletiva firmada entre patrões e operários. Segundo o presidente do sindicato, ele não tem autonomia para fiscalizar as empresas, pois existe uma cláusula na convenção imposta pelos patrões que diz que tal fiscalização é da alçada da Delegacia Regional do Trabalho. E essa, por sua vez, não faz nada em prol dos trabalhadores.

Enquanto isso, nós continuamos sendo explorados. E nosso sindicato, apesar de ter uma convenção coletiva, continua sendo manipulado pelos patrões e os donos do poder.

Trabalhadores, é necessária a união e a participação no sindicato, pois ela é um passo para conseguirmos derrubar nossos exploradores e esse regime de fome! (Um trabalhador da construção civil - Anápolis, GO)

Prefeito corrupto é capacho do regime

Como é característico dos prefeitos do Arenão, o prefeito de Tapiramutá, sr. Antônio Barreto Nery, é um dos mais corruptos da Bahia. Seus antecedentes são de dar inveja até mesmo aos senhores Paulo Maluf e Antônio Carlos Magalhães. Antes de ser prefeito, o mesmo já era famoso pelos seus atos nada dignos de um futuro prefeito. Já foi inclusive preso pela polícia federal, juntamente com seu genro, Dermeval, por estar desviando alimento doado para a população mais carente.

No período em que seu genro foi prefeito, desviou um montante considerável de dinheiro do povo para os seus bolsos, o que valeu ao sr. Dermeval um processo na polícia federal e a cassação dos seus direitos políticos.

Em 1976 o sr. Antônio Barreto Neri conseguiu ganhar a eleição por meios fraudulentos, o que lhe valeu a instauração de um inquérito. Eleito prefeito, o seu primeiro ato foi colocar os empregados que não lhe eram sim-

páticos para fora da prefeitura. Alguns não receberam indenização alguma, inclusive pais de família com 14 anos de serviço.

Dando continuidade a seus péssimos serviços, proibiu toda e qualquer construção de casa, desapropriou propriedades de pessoas humildes. Alegando o município não ter condições de manter médico e dentista, a população está desprovida de qualquer assistência médica e odontológica, de urgência ou não. (O município tem cerca de 20 mil habitantes).

Água e luz são deficientes, não atendendo às necessidades da população, principalmente os mais humildes. O município, com uma média de mil estudantes, não tem colégio de 2º grau.

Todos estes desmandos feitos pelo sr. Antônio Neri são reflexos deste governo espúrio, antipopular e entreguista que usurpou o poder em 1964 e que tem como pilares capachos da marca do prefeito de Tapiramutá. (Um habitante de Tapiramutá - BA)



Estas duas senhoras foram ameaçadas de morte por Pedrão

Oposição somos nós

Já é a segunda vez que colocamos essas arbitrariedades nesse jornal. Agora a coisa foi complicada. Dessa vez houve quase morte. O filho do Pedro Carneiro (Pedrão) ameaçou com uma espingarda matar duas senhoras, mães de família. O rapaz disse que foi sua mãe que mandou. Além da ameaça, disseram palavras de baixo calão. E só não dispararam porque as senhoras viram e reagiram.

Os esposos das mesmas não deram parte, pois não adianta. As autoridades são comprometidas com esses perseguidores. Tudo é uma família só.

Esses conflitos têm se dado com mulheres, crianças, e até com senhoras grávidas. Não só no Laranjal, mas no Castelinho, Guacu, Formiguinha, em redor das cidades. Os perseguidores são: Pedrão, Maneco, Olímpio Leite, Velho Pimenta e outros, que se a gente for dizer o nome não tem papel que caiba. Esses opressores têm toda cobertura do prefeito, que não quer se comprometer com o povo que o elegeu. O Pedrão é tão ruim que proíbe quatro famílias de fazer seus quintais. Essas famílias moram afastadas uns dois quilômetros da cidade, perto da

estrada que vai para São José. Ele alega que é para o gado dele passar, ficando a estrada na frente das casas.

Ainda diz o prefeito: oposição no Maranhão só vai ter daqui a 20 anos. Sr. Prefeito: você pensa que força é o governo, o presidente, o pistoleiro e grileiro? Está enganado. A força é o povo e esse povo está desprezando. Esse povo oprimido é que é a força. Você sem povo, não é nada. Esse povo um dia dará a resposta. Nossa força está na nossa união. Essa ditadura que você defende, agora quer mudar de cara, mas não engana mais, são os mesmos carrascos na direção.

Sr. prefeito: a oposição não é um partido, não está só num PMDB que você tanto odeia. A oposição somos nós, unidos, repudiando os crimes cometidos por vocês. E o povo na luta, nos sindicatos, na Igreja, nas organizações democráticas e nos partidos políticos que se comprometerem com nossa luta. Vocês têm dinheiro, arma e tudo. Nós temos a união, que vale por todas as forças de vocês. E é com ela que vamos vencer. (Joaquina Preta dos Santos, pelo grupo das quebradeiras de coco de Esperantinópolis, MA)

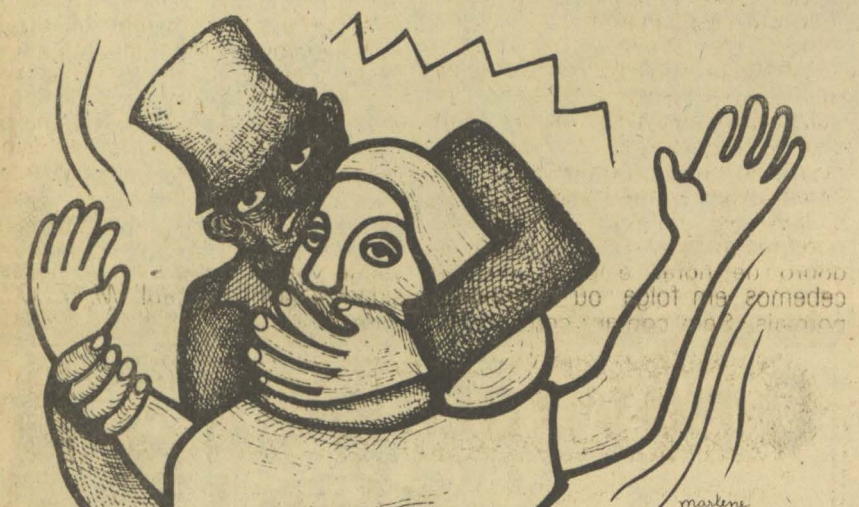
Posseiros de Andradina conquistam financiamento

Quero em primeiro lugar parabenizar os criadores deste jornal, por ser o único no Brasil a dizer as verdades escondidas por outros jornais.

Estive aí na Praça da Sé no dia 27 de agosto (Dia Nacional de Luta Contra a Cerebral) e comprei um dos jornais. Por isso me interessei. Quero dizer que os posseiros da Fazenda Primavera, aqui no município de Andradina, estão sorrindo com mais uma vitória conquistada através da união e da luta, que é o financiamento que está sendo financiado pelo Banco do Brasil.

Para maior clareza, estou enviando o xerox do anúncio no jornal de nossa cidade, que é o Jornal da Região. Se interessar pode publicar para ajudar o povo que luta por seus direitos e que muitas vezes tem medo. E lutando unido que se vence. (J.A.S. - Andradina, SP)

Nota da redação: há muito que os posseiros da Fazenda Primavera vêm lutando contra o latifundiário JJ Abdalla. Seu gado invade as roças dos posseiros destruindo-as. Eles não conseguiram nada até agora para plantar. Agora, graças a sua luta, conseguiram o financiamento e o apoio do delegado local, que se comprometeu a defendê-los.



Banco do Ceará demite uma colaboradora da Tribuna

No último dia 17 de agosto foi demitido do Banco do Estado do Ceará a funcionária Daciene Barreto, membro da Comissão Salarial e da sucursal da Tribuna Operária em Fortaleza.

O Sindicato dos Bancários, com base nas denúncias de Daciene Barreto, que vinha sendo constantemente transferida de setor para setor, falou com a direção do banco. Para surpresa da direção do sindicato, no dia 17 de agosto o diretor administrativo do banco, sr. Alcimar, demitiu a companheira Daciene, sem inquérito administrativo. Isso porque o BEC é um Banco Oficial.

O Sindicato dos Bancários, pressionado pela comissão salarial e por setores democráticos, resolveu tomar algumas medidas. A primeira foi fazer um protesto na porta do banco. Em segundo lugar procurou a Assembléia Legislativa para servir de intermediária com a direção do BEC e o governo do

Estado. Tudo em vão.

Protestos foram feitos da tribuna da Assembléia pelos deputados Maria Luiza e Castelo de Castro, ambos do PMDB. Várias entidades democráticas, como sindicatos, (dos sapateiros, bancários, metalúrgicos e trabalhadores rurais) além de partidos políticos de oposição (PT, PP e PMDB), o CBA, DCE, Comitê de Defesa da Imprensa Alternativa, etc., também se manifestaram.

No mutirão conjunto da imprensa alternativa, realizado todas as quintas-feiras na Praça do Ferreira, vários oradores denunciaram a medida arbitrária. A luta continua. Na assembléia geral dos bancários realizada no dia 25 de agosto no Teatro José de Alencar, com a presença do líder sindical Olívio Dutra, a plenária resolveu: protestar contra mais um ato de violência do governo bônico Virgílio Távora, e incluir nas reivindicações a readmissão da companheira Daciene Barreto no dissídio coletivo a se realizar nos próximos dias. (Uma bancária - Fortaleza, CE)

A realidade refletida na TO

Desde que pude adquirir pela primeira vez um exemplar do jornal Tribuna Operária fiquei convencido de que jamais havia lido outro igual. É de fácil leitura, explicativo, narrativo. E sobretudo despido da fantasia que há muito vedou os olhos do pobre e inconsciente trabalhador ou do estudante, como eu, para os fatos que ocorrem em nosso país.

Entretanto, eu optei pelo conhecimento da realidade brasileira. E quero crer que isso só será possível através de uma obra como essa. Conto com a colaboração de vocês, para que me enviem informações em detalhe, a fim de que possa assinar este jornal. Confiante na boa acolhida de minhas solicitações, antecipo meus simples mas sinceros agradecimentos (V.G.S. - Goiânia, GO)

A imprensa deve transmitir a verdade dos fatos

Parece brincadeira, mas na visão dos militares tudo que acontece no país em forma de manifestação, decorrente única e exclusivamente da insatisfação do povo perante uma situação insuportável, não pode ser outra coisa senão comunismo. E a repressão baixa logo em cima, dando porretadas, prendendo e mordendo. Isso ocorreu recentemente em Goiânia, quando policiais atacam a reunião contra uma reunião estudantil.

Isso quando o CCC não ataca. Os militares vêm comunistas no meio dos estudantes, professores, operários, índios, da Igreja, da imprensa, até na própria sombra. (...) E enquanto isso atos de terrorismo estão acontecendo por todo o país, sendo que nenhuma provi-

dência por parte destes militares é tomada. Agora sim, era hora deles agirem.

E o pior, eles se consideram os donos da verdade. E para quem discorda existem os “argumentos”. E os verdadeiros donos da palavra não podem falar, pois são logo processados, ameaçados de cassação de mandato e enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Uma crítica mais contundente de oposição é bastante para a reação dos militares, apoiados pelo servilismo do PDS, que realmente lambe as botas dos generais. (...) O papel da imprensa é agir como um fiscal de tudo que acontece de errado e informar depois a opinião pública. Se não, não tem sentido e o povo não compra jornal. (D.L. Goiânia, GO)



Codevasf promove grilagem

A Companhia de Desenvolvimento do São Francisco — Codevasf, desde o ano de 1972 está em demanda com o fazendeiro de nome Miguel Pereira de Brito, de 78 anos de idade, do qual desapropriou, em 72, 15 alqueires de terra por 40 mil cruzeiros e que hoje estão valendo 100mil cruzeiros o alqueire. Além do senhor Miguel existem dezenas de outros pequenos fazendeiros na região, en-



Tudo pelo sindicato

Mais um companheiro tomba na luta. Desta feita trata-se de José Francisco dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, Pernambuco. José Francisco foi covardemente assassinado, porque atuava corajosamente em defesa da classe camponesa. No dia 15 de agosto, às 15 hs, depois de fazer a feira, se dirigiu para sua casa. Não sabia ele que alguns covardes o tocavam. Foi morto por pistoleiros a mando de pessoas poderosas.

José Francisco previu sua morte. Dizia sempre que o sindicato era sua vida e daria a vida por ele. Era amado pelos pequenos e odiado pelos grandes. Era odiado porque procurava fazer com que a justiça chegasse ao campo. Defendia até a última instância um

trabalhador rural. Enganam-se aqueles que pensavam que ao matar José Francisco iriam amedrontar a classe trabalhadora. Todos trabalhadores do campo e da cidade devem se unir cada vez mais para protestar contra mais um ato de violência e continuar a luta de todos nós! É bem verdade que cada trabalhador está sentindo a perda do combativo companheiro. Sua morte não desanima os trabalhadores rurais. Pelo contrário, serve de exemplo para todos nós. A reforma agrária, melhores condições de vida e salários, liberdade sindical, liberdade política e democracia são passos que os trabalhadores do campo e da cidade devem conquistar pela força de vontade e da união. (diversas entidades - Correntes, PE)

Vida difícil em Eunápolis

Agradecendo a denúncia procedente de Eunápolis, Bahia, publicada no nº 21 da *Tribuna Operária*, achamos no entanto que está muita reduzida em face da extensão dos problemas lá existentes.

Não apenas duas serrarias têm fornos de fabricar carvão e sim todas as sete instaladas em Eunápolis, bem como as de Itagileirém, Itabela, Monte Pascoal, Itamaraju, Teixeira de Freitas e Pindorama. Isto somente no que diz respeito ao extremo sul da Bahia.

Todas elas queimam serragem. A escola pública existente na rua Antônio Dias, constante na denúncia, não tem instalação de luz e água, apesar de existir um posto de luz defronte da Escola. Os alunos do curso noturno são obrigados a fazê-lo à luz de lam-

parina. Não há coleta de lixo nas áreas da cidade, habitada pela população de baixa renda. Só existe um posto de saúde em toda área municipal, e só atende 10 pessoas por dia. A rede hospitalar é particular, cobrando preços extorsivos pelos seus serviços.

Os sindicatos de trabalhadores rurais estão a serviço dos fazendeiros, não dando assistência aos trabalhadores. A grilagem campeia, sobretudo na região compreendida entre Eunápolis e Santa Cruz de Cabralia, Porto Seguro, Itabela e Trancoso, Monte Pascoal e Caracavas e Barrolândia e Belmonte.

Quanto ao lixo, o pessoal diz que quando chove tem que se andar tapando o nariz, tal é o mal cheiro exalado pelo lixo em decomposição. (Z. Eunápolis, BA)

Garutuba, a Codevasf desenvolve um projeto de irrigação. Ele inclusive dormiu preso na cadeia de Janaúba, e pagou uma fiança de 10 mil cruzeiros pela sua libertação. Além de tudo, existe um jagunço da Codevasf chamado "Bigode" que está ameaçando as famílias dos posseiros, que resolveram, a partir de agora, brigar de unhas e dentes pelas suas terras, de onde há muitos anos eles vêm plantando suas roças e tirando o seu sustento.

Outro fator importante a citar é que a Codevasf, além de ter pago uma ninharia pelas terras em 1972, só pagou a metade da dívida. E agora os posseiros não querem entregar de modo algum, havendo grandes possibilidades de correr sangue naquela região, onde esses problemas de posseiros com a grilagem de terra pela Codevasf já vêm existindo há bastante tempo. O que o órgão, ligado ao Ministério do Interior, está fazendo é tirar as terras dos seus verdadeiros donos à força; e ainda diz que está beneficiando a região e ajudando os pequenos produtores rurais, com o objetivo de oferecer a eles melhores condições de vida.

E possível que eles sejam promovidos de pequenos sítios, integros e trabalhadores, para favelados em Montes Claros, onde já existem cinco desses aglomerados subumanos. (Um morador da Região - MG)

Assessor do governador do Ceará ameaça jornalista

Quando se realizava um encontro da Tendência Popular do PMDB, o Sr. Cid Carvalho, assessor especial do governador Virgílio Távora, e seu filho Robério invadiram o local de revólver em punho, à procura do jornalista Messias Pontes do jornal *Mutiirão* e colaborador da *Tribuna Operária*.

O sr. Cid Carvalho apontou o revólver para a cabeça de Messias e disse que iria obrigá-lo a comer um artigo que escrevera sobre a visita do Papa a Fortaleza. E que neste artigo Messias acusava Cid de ocultar que o governador Virgílio Távora fora vaiado no Castelo ao acusar os bispos Helder Câmara, Evaristo Arns e D. Frágoso de comunistas. O sr. Cid

Carvalho agrediu o jornalista com pontapés e coronhadas.

O caso foi registrado na Delegacia de Plantão, mas até agora nada foi apurado. Em compensação o jornalista, que era funcionário da ORCET foi demitido pelo governador. Em sinal de protesto, o Comitê de Defesa da Imprensa Alternativa do Ceará emitiu nota de protesto, que circulou por toda a Universidade Federal. Irritado, o sr. Cid Carvalho ameaçou o estudante de Direito João Alfredo, presidente do DCE. Em resposta, os estudantes têm se retirado da sala quando Cid Carvalho, professor de Ética e Legislação, entra para dar aula. (Um amigo da TO - Fortaleza, CE)



Quase sujam meu nome

O fato que vou narrar aconteceu no dia 11 de novembro de 1978. Fui autuado em flagrante, por estar trabalhando honestamente (preenchia formulário para carteira de identidade e cobrava uma taxa pelo meu trabalho). Fui autuado em flagrante e incluído no artigo 47 da Lei de Contravenções Penais.

Meus acusadores, os fascistas, forjaram o flagrante na porta do Felix Pacheco na Avenida Graça Aranha, local onde a corrupção por parte de policiais e funcionários é grande. Naquele instituto atuam vergonhosamente, recebendo propinas para se expedir uma carteira.

Fui levado pelos federais sem direito a nada. Não me deixaram

ligar nem para minha família. Para abafar o escândalo que varria aquele órgão, ao invés de apanhar os policiais e funcionários, os fascistas me apanharam, junto com algumas pessoas que faziam o mesmo serviço que eu.

Levado para a 3ª delegacia policial, fui obrigado a assinar sob pressão a ameaça de espancamento.

Minha sorte foi ter conseguido um bom advogado na Faculdade Cândido Mendes e também a lealdade do juiz Fabrício Bandeira Filho, que julgou o processo "nulo ab-initio" (nulo desde o início) em junho de 1978. Quase que os malditos sujam o meu nome! (J. A. F. - Rio de Janeiro, RJ)

Pelego desfalca sindicato

Luis Alfredo, presidente pelego do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Alimentícias de Anápolis, depois de ficar mais de 6 anos na direção do sindicato, sempre roubando o dinheiro dos trabalhadores, fugiu, deixando o sindicato em difícil condição.

Segundo dados da Junta Governativa, composta por três operários que vêm dirigindo o sindicato, o desfalque dado pelo pelego atinge mais de 8 milhões de cruzeiros. O pelego continua na cidade, administrando sua farmácia. Mora numa mansão com piscina e tudo, construída com o dinheiro dos trabalhadores.

Como se não bastasse isso, o pelego e sua família continuam ameaçando os dirigentes provisórios do sindicato. Um dentista irmão do pelego chegou ao ponto de agredir fisicamente um dos dirigentes sindicais. (Um operário de Anápolis, GO)

Projeto-lei contrário à saúde

Como se não bastasse o péssimo atendimento médico à população (vide política de saúde, INAMPS), como se não bastasse a penetração cada vez maior das multinacionais farmacêuticas na área de saúde, surge agora o projeto-lei 2726/80. Ele visa "regulamentar o exercício da Medicina, Psicologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Ortopédica, Farmácia, Nutrição, Biologia, Enfermagem, Odontologia, Medicina Veterinária e demais atividades voltadas para a defesa e recuperação da saúde, prevenção e reabilitação física e mental a ser encaminhado à Câmara Federal pelo deputado Salvador Julianelli (PDS-SP).

Este projeto visa subordinar estas profissões à Medicina, extinguindo a autonomia e cerceando a participação desses profissionais numa equipe de saúde.

O projeto responde a interesses de setores da classe médica que nada mais são do que representantes legítimos da classe dominante, multinacionais que governam o país, pretendendo privatizar a Medicina, para enriquecer às custas da exploração do atendimento à saúde. (E.M. - Salvador, BA)

O coco é de todos

Estamos escrevendo essa carta para fazer ciente a todos os maranhenses o que está se passando conosco, quebradeiras de coco do bairro Santa Terezinha, Esperantinópolis.

O Francisco Mariano só não me matou com meus filhos porque eu corri. Além dele tem o Vicente Jovita, o Manoel Cassiano e Zeca Cassiano, o Mauro do Marinheiro, o Antônio Arrais e o Edmilson do Pocidônio. Esses homens estão dizendo que não tem homem no mundo que faça eles deixarem nós apanharmos coco.

Tem também o Narciso Leite. Ele é ruim e corre nu atrás de nós todos. O Vicente Cassiano só não me cortou de facão porque corri com minhas amigas.

Agora mesmo um vizinho nosso entrou na solta do Antônio Arrais

para apanhar uns cocos. Ele tomou a carga de coco do menino, que já vinha vindo para casa. O Antônio Arrais deu parte na delegacia de polícia e o delegado Luis Almeida disse que se o menino entrasse de novo ia ser processado como ladrão.

A Belinha do Antônio Arrais ameaçou uma mulher grávida. O filho dela jurou me estracalhar de faca e revólver e derrubou meu cofe. Diante de tanta injustiça, nós fomos ao prefeito Anísio Carneiro. E ele diz que não manda nas soltas alheias, manda nas dele. Nada mais das amigas, só lembrança e força para nós vencermos a batalha. Senão, vamos morrer de fome. (Quebradeiras de coco do Bairro Santa Terezinha — Esperantinópolis, MA)



Enfermeiras : vamos lutar!

Tenho visto tantas denúncias de trabalhadores na *Tribuna* e até agora quase não vi do pessoal de enfermagem.

Nós somos explorados com salários baixos, horas extras obrigatórias, semana de trabalho prolongada, adicionais noturnos e de insalubridade que não são pagos, como acontece com qualquer outro trabalhador.

Então, por que não se protesta? Há muito tempo a jornada de trabalho é de 8 hs. diárias e no entanto estamos aí com o regime de 12/36 horas, forma de pagar 4 horas extras como horas normais, e com as "dobras" de plantão, período em que trabalhamos o dobro de horas e pelo qual recebemos em folga ou em horas normais. Sem contar com o pes-

soal do período noturno, que faz 8 horas diárias!

E tudo isso é feito em nome do bem-estar do paciente! Ora, sabemos que a assistência prestada depende das condições de trabalho. E péssimas condições significam *lucro* no mundo das cifras. Somente isso pode justificar tamanho desleixo com o pessoal da saúde e, em consequência, com a saúde do povo. Mas colegas, nada pode justificar nosso silêncio! Vamos nos unir à luta de todos os trabalhadores, vamos quebrar o silêncio! Por melhores condições de vida e de saúde para o povo! Por um piso salarial para a categoria! Por jornada de trabalho e salários justos! Por um sistema de saúde voltado para as reais necessidades da população! (M. T. O. enfermeira, SP)

CONSULTÓRIO POPULAR

Inaugurando nossa seção de perguntas e respostas, escreve um colaborador da *Tribuna Operária* de Belo Horizonte, Minas Gerais. Ele é filho do Vale do Jequitinhonha e está iniciando um trabalho em Capelinha, criando um sindicato dos trabalhadores rurais. Ele quer saber se o Partido Popular (PP) é um partido de oposição ou uma Arena 2 e se é possível fazer aliança com ele.

Caro companheiro: Realmente, ao iniciar as manobras para a reforma partidária, o regime militar pensou em criar um partido que fosse um tipo de Arena 2. Mas na prática não foi bem isso que ocorreu.

Do ponto de vista de classe, o PP contrariando seu nome, é um partido burguês, um partido de banqueiros. E portanto, um partido de exploradores dos trabalhadores e do povo. Mas é também um partido de burgueses que foram aliados do poder político. E que portanto contestam este governo do qual não participam.

Neste sentido, o PP pode ser considerado como um partido de oposição. É claro que a oposição

do PP é moderada, vacilante e pouco conseqüente, devido a seu próprio caráter de classe.

Mas ao combater o governo militar, embora com pouca firmeza, o PP alia-se em determinados momentos às forças de oposição mais conseqüentes, os verdadeiros democratas, os trabalhadores e o povo. Nos atos públicos de repúdio ao terrorismo fascista, por exemplo, representantes do PP condenaram a convivência do regime com os terroristas. O PP também votou em peso contra a prorrogação dos mandatos de prefeitos e vereadores e contra a Lei dos Estrangeiros.

Em outras palavras, o PP faz uma certa oposição ao governo. E justifica-se fazer aliança com ele em todas as ocasiões em que ela servir ao reforço da luta contra o regime militar. É claro que a classe operária é a força mais conseqüente de oposição. Mas ela não pode lutar sozinha, tem que ter aliados. Os aliados, mesmo temporários, como o PP, ajudam-na a romper o monopólio político dos militares, abrindo caminho para a existência de plena liberdade política.

O leitor Joel, de Imperatriz, Maranhão, faz algumas observações em relação ao artigo sobre a vinda do Papa ao Brasil, publicado no nº 18 da *Tribuna Operária*. Ele acha que o artigo foi crítico demais ao Papa, que "não olhou se a terra já estava preparada para lançar a semente". Ele considera ainda que "o momento é mais de luta política do que de luta ideológica". E pede que sua carta seja respondida.

Caro companheiro: — De acordo com seu programa, a *Tribuna Operária* é "um jornal a serviço da classe operária, de seu presente e de seu futuro". Um jornal que "defende a libertação nacional e social de nosso povo e o socialismo".

Procuramos em todos os nossos artigos ser fiéis a este programa, analisando os fatos e os acontecimentos de acordo com os interesses da classe operária. Achamos que o artigo sobre o Papa e pela estes objetivos. Ele procurou refletir as diversas reações que observamos

com a vinda do Papa; desde os que a viram como um acontecimento maravilhoso, até os que acharam que muita coisa devia ser criticada.

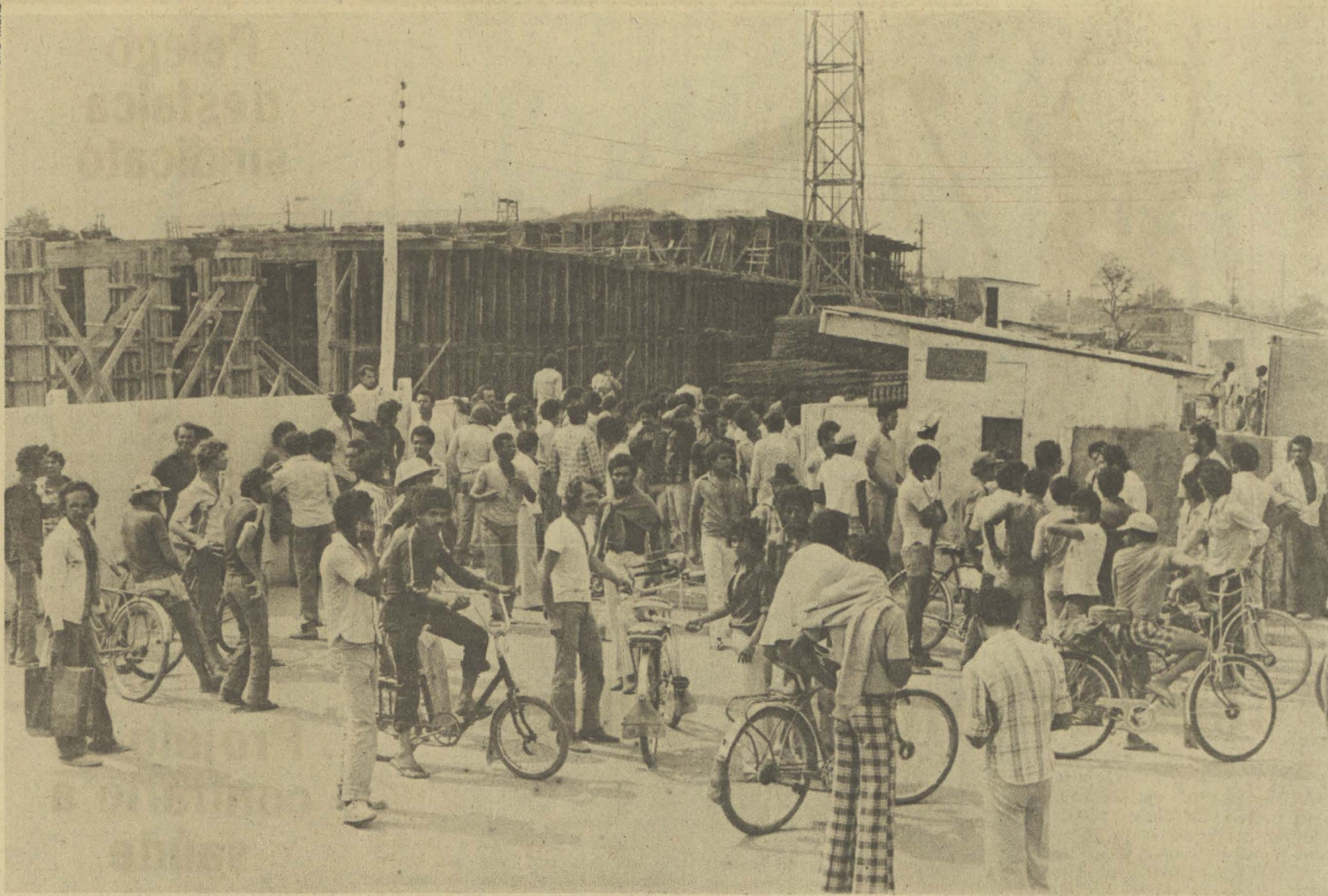
O jornal tomou posição criticando as pregações do Papa contra a luta de classes, que nós não podemos aceitar. Consideramos que isso contraria os interesses da classe operária, dos trabalhadores e do povo em geral. Porque subentende que pode haver paz entre explorados e exploradores, entre oprimidos e opressores.

Isso não significa de forma alguma que combatemos a Igreja como um todo. Muito pelo contrário. Achamos que no momento setores importantes da Igreja vêm se colocando ao lado da luta do povo. Mas a visita do Papa não contribuiu para fortalecer os setores mais progressistas da Igreja. Veio, isto sim, consolidar sua ala mais conservadora.

Por outro lado, a luta política e a luta ideológica não se separam. Não se pode fazer uma e depois outra. Não é adiantado lutar pelo poder se não temos claro os ideais que perseguiamos.

GREVE PAROU OBRAS NO D.F.

Moreira Matiz



Em passeata, a pé e de bicicleta, os operários da construção pararam uma por uma as obras de Brasília

Trabalhadores da construção civil de Brasília cruzaram braços mesmo fora do dissídio

A greve começou no dia 1º de setembro (segunda-feira), na Ceilândia e em Taguatinga, cidades satélites de Brasília. Os trabalhadores da construção cruzaram os braços, em protesto contra o reajuste salarial insignificante que haviam recebido, e fizeram logo uma passeata, a pé ou de bicicleta, parando obra por obra. "Queremos 60% de aumento e não abrimos!" — foi o lema da manifestação.

Na quarta-feira, com a maioria das obras do Distrito Federal já paradas, realizou-se uma grande assembleia em frente ao estádio Serejão. O presidente do Sindicato propôs encerrar a greve, os trabalhadores não concordaram. O secretário do Sindicato, Manoel de Lima, que bateu na mesma tecla, teve de ser retirado às pressas do meio da multidão, que o agredia aos gritos de "pelego" e "entreguista".

A partir daí a repressão tornou-se mais violenta, principalmente quando as passeatas e piquetes foram chegando em Brasília (Plano Piloto), onde fica a máquina do

Governo Federal e onde moram as classes mais abastadas. A tropa de choque da Polícia Militar, em quatro caminhões, cercou uma manifestação e os trabalhadores, encostados na cerca da construção, com as mãos na cabeça, foram ameaçados de cadeia caso se dirigissem para o Plano Piloto.

A greve chega a Brasília

Mesmo assim, na quinta-feira houve a adesão dos operários das obras do Setor Octogonal e da cidade satélite de Cruzeiro. Sexta-feira foi a vez de Guará e, finalmente, do Plano Piloto. Um piquete de cem trabalhadores conseguiu a adesão dos operários que estão erguendo o Memorial JK, no eixo central de Brasília. Nesse dia cerca de 50 grevistas foram presos, em frente ao Palácio Buriti, sede do Governo do Distrito Federal. Mas na segunda-feira seguinte a grande maioria dos operários da construção do Plano Piloto (mais de 15 mil) entrava na luta iniciada uma semana antes.

O principal motivo do movimento foi a discordância com o in-

dice oficial de reajuste salarial oferecido pelo governo, de 33,5%. Os trabalhadores queriam 60%. "Não abrimos mão desse aumento disse um deles — pois o custo de vida, aumentando dia a dia, está levando os operários e suas famílias a passar fome. Assim não temos condições de viver". Com o reajuste pelo INPC, o salário de um pedreiro passaria a ser de 8.211 cruzeiros e o de um servente 5.747 cruzeiros.

Os operários reclamam também que, quando ficam doentes e apresentam atestado médico, suas carteiras são carimbadas em vermelho. Segundo eles, "seu dono fica manjado e não consegue emprego em outro lugar". A maioria nem tem carteira assinada, trabalha com os "gatos". As cantinas são uma sujeira e cobram 50 cruzeiros por um prato feito de comida deteriorada.

Porque a volta ao trabalho

Apesar do seu vigor, o movimento, espontâneo, começou a esvaziar-se no oitavo dia e encerrou-se no 12º, sem conseguir

suas reivindicações. Influuiu aí, segundo os próprios grevistas, a falta de liderança, o medo de perder o emprego, o forte esquema de repressão montado pela PM. E principalmente a omissão do Sindicato, ainda dominado por pelegos que não moveram uma palha pela categoria.

Não esperaram dissídio

Um ponto importante foi que a greve estourou fora da época do dissídio coletivo da categoria, marcado para fevereiro de 1981, segundo o acordo concluído entre o Sindicato e os patrões depois da paralisação do ano passado. Os trabalhadores souberam que seu reajuste seria de 33,5%, não concordaram e resolveram cruzar os braços. Os patrões usaram esse fato como argumento contra os grevistas, mas estes pararam assim mesmo, pois a fome não tem data marcada para bater na porta do trabalhador e a legislação atual existe justamente para dificultar a conquista de salários que cubram a carestia de vida. (do Correspondente)

Uma página negra

A atuação da pelegada na greve

"O Sindicato da classe devia estar conosco nestas lutas", comentava, irritado, um peão durante a greve da construção civil em Brasília. "Mais uma vez estamos descontentes com as promessas do Sindicato", concluiu outro, lembrando que no ano passado foi a mesma coisa. "O Sindicato está cheio de pelegos, fazendo o jogo dos patrões".

O fato é que em nenhum momento o movimento grevista, nascido dentro dos próprios canteiros de obras, por iniciativa espontânea dos trabalhadores, contou com o apoio da diretoria sindical. "Eles (os diretores) são contra ou a favor?" — interrogavam os operários. "Por que o presidente se esconde na sala do Sindicato e não vem da uma satisfação para nós?"

Depois do esvaziamento da greve, a opinião geral nos meios operários foi que se houvesse uma diretoria firme no Sindicato a história teria sido diferente, pois vontade de lutar não faltava.

O problema começa com o baixo nível de sindicalização (menos de 10 mil numa categoria de 50 mil). Passa pela omissão dos diretores diante dos desmandos dos patrões. E culminou, em plena luta, na assembleia em que o presidente e o secretário colocaram-se frontalmente contra os grevistas. Mas o pelego não perde por esperar. A categoria acumulou uma experiência preciosa nesses dias de paralisação e está disposta a colocar gente de valor na sua entidade de classe.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

A greve de um milhão

Em todo Brasil estudantes pararam por três dias

A União Nacional dos Estudantes saiu vitoriosa na maior batalha travada após a sua reestruturação. Cerca de um milhão de universitários — num total de 1,4 milhão — participaram da greve nacional dos dias 10, 11 e 12, exigindo mais verbas para a educação, nenhum aumento no segundo semestre e que o orçamento da União para a educação passe dos atuais 4,2% para 12%. Para Francisco Javier, atual presidente do DCE da Universidade Federal da Bahia, "foi a primeira vez, depois de dez anos, que os estudantes brasileiros se manifestaram de forma única por todo o Brasil. E um marco histórico também, porque tornou realidade a unidade entre estudantes, professores e funcionários".

Luta pelo ensino gratuito

A greve trouxe à tona, para toda a opinião pública, os gravíssimos problemas que a universidade brasileira enfrenta, como falta de verbas, baixo nível do ensino, professores mal remunerados, currículos dissociados da realidade social, entre outros. Um aspecto que ajudou bastante foi o apoio dos professores universitários e funcionários que fizeram greve em 16 estados, durante a "Semana de Mobilização e Luta", com as mesmas reivindicações básicas dos estudantes. O professor Laurindo Leal Filho, presidente da Associação dos Professores da Universidade Católica de S. Paulo, um dos líderes da greve no Estado, afirmou que "os professores, além das suas lutas específicas, devem lutar por questões mais gerais junto com os estudantes. Uma das questões que unificam professores e estudantes é a falta de verbas para a educação".

Apesar da greve trazer grande mobilização dos estudantes no Brasil todo, ficaram claras algumas debilidades organizativas do



Acima, um aspecto do "Ato Cultural" realizado pelos estudantes de Vitória durante a greve. Ao lado, o feroz ataque da PM em Goiânia

movimento estudantil, em especial a pouca articulação da UNE e das UEEs com as escolas. E mais ainda as disputas muitas vezes gratuitas entre as "tendências" que dividem as cúpulas e marginalizam as bases do movimento estudantil.

As mobilizações dos estudantes foram maiores ou menores, dependendo do local. As manifestações programadas para o último dia de greve em geral tiveram pouca participação, com algumas exceções

como Goiânia, Vitória, Salvador e Londrina. Em Salvador, os 30 mil alunos parados organizaram várias palestras, debates e seminários enfocando aspectos ligados ao ensino e à democracia na universidade.

Mobilizando faculdades

Antigos líderes estudantis solidarizaram-se com a greve. Aldo Arantes, ex-presidente da UNE, que em 1962 organizou a greve nacional por um terço de representatividade estudantil, participou de atos públicos em Salvador e Vitória do Espírito Santo, mostrando que a luta dos estudantes é "uma luta a mais da sociedade brasileira contra a política antidemocrática que se aplica em todo o país".

A greve nacional teve o mérito de mobilizar também muitas facul-

dades onde não existia uma tradição de luta. A Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, entre outras, viveu sua primeira paralisação geral. Em outros locais movimentos populares solidarizaram-se com os estudantes, como em Londrina, onde o Movimento Contra a Censura participou de atos públicos ao lado dos estudantes. Os secundaristas de várias cidades tiveram um papel destacado em apoio aos universitários (veja box).

Saldo positivo

O saldo de todo este movimento foi francamente positivo. A greve contribuiu para fortalecer a UNE e pode servir como marco inicial de uma nova fase de avanço acelerado do movimento estudantil. Diante da

O apoio dos secundaristas

Durante a greve nacional promovida pela UNE, os estudantes secundaristas mostraram o seu apoio às reivindicações dos universitários entrando em greve e promovendo atos públicos em várias cidades.

Em Campinas, sentindo a importância de apoiarem a luta da UNE, 9 mil secundaristas, de cinco colégios, paralisaram suas aulas no dia 12. Foi a primeira greve em 12 anos, com adesão de um quinto dos secundaristas da cidade.

No Colégio Pitágoras, em Belo Horizonte, a PM chegou a jogar bombas nos alunos que tentavam sair em passeata para engrossar as manifestações. Em Goiânia, muitos secundaristas estavam na passeata de dois mil estudantes e professores que foi violentamente reprimida pela polícia.

Em Cambé, interior do Paraná, a UCES (União Cambeense de Estudantes Secundaristas) conseguiu mobilizar a maioria dos estudantes, paralisando as aulas durante os três dias da greve da UNE. No dia 10, apesar das ameaças das autoridades, os secundaristas organizaram um ato público reivindicando mais verbas para a educação.

sua repercussão, vários setores da sociedade se pronunciaram sobre o assunto e até mesmo o ministro da Educação teve de reconhecer que as reivindicações estudantis eram justas.

Agora a UNE prepara-se para o seu Congresso, a ser realizado nos dias 13, 14, 15 e 16 de outubro, em Piracicaba. Ele deverá representar mais um passo adiante na organização e mobilização dos estudantes, além de dar continuidade às nossas lutas e procurar responder à atual situação do ensino brasileiro com novas mobilizações para este semestre e para o ano que vem", como afirma Ruy Cesar, presidente da UNE. (texto final Domingos Abreu. Colaboraram as Sucursais de MG, PE, BA, GO, PR, RJ, AL e ES)



Caiapós: legítima defesa ÍNDIOS

A resposta dos Caiapós

Há cerca de um mês os índios Txucarramãe mataram 11 peões dentro dos antigos limites do Parque Nacional do Xingu. No início de setembro foi a vez dos Caiapós, do grupo Gorotire (parentes dos Txucarramãe), atacarem a fazenda Espadilha, próxima à divisa de sua reserva, localizada no sul do Pará, a 800 quilômetros de Belém.

O conflito era considerado iminente pelos sertanistas mais experientes da região. Há muitos anos que os Caiapós, pacificados no início da década de 50, reivindicam o reconhecimento de seu domínio sobre uma área de 2.738.850 hectares, entre os rios Araguaia e Xingu, no sul do Pará.

Desde sua pacificação os Caiapós vivem na esperança de que o Parque fosse demarcado, o que até hoje não ocorreu. Lentamente a reserva foi sendo cercada. Ao norte, há um projeto de colonização da construtora Andrade Gutierrez, ocupando 400 mil hectares. Ao sul, 160 mil hectares são divididos entre o Bradesco, a Volkswagen e outros sócios. Cansados de esperar medidas por parte da Funai, os índios concluíram que terão que resolver sozinhos seus problemas. E partiram para o ataque.

Ao que tudo indica, o impasse deve continuar, a exemplo de centenas de conflitos pela posse da terra que pontilham todo o interior do Brasil, particularmente na Amazônia. A única forma de resolver efetivamente o problema é uma reforma agrária radical, garantindo a terra aos que nela trabalham, acompanhada de uma política correta em relação às minorias nacionais indígenas. Ambas as soluções impossíveis nos marcos do atual regime, representante dos interesses dos responsáveis diretos pelos conflitos: os grandes proprietários fundiários estrangeiros e nacionais.